

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

THIELY ANDRESSA SCHWINGEL

**O EMPREGO DO SUBJUNTIVO E A HIPERCORREÇÃO LINGUÍSTICA EM
DADOS DO VALE DO TAQUARI/RS**

**PORTO ALEGRE
2014**

THIELY ANDRESSA SCHWINGEL

**O EMPREGO DO SUBJUNTIVO E A HIPERCORREÇÃO LINGUÍSTICA EM
DADOS DO VALE DO TAQUARÍ/RS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como requisito parcial para a conclusão do
curso de Licenciatura em Letras.

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt
Orientador

PORTO ALEGRE
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus porque sem Ele nada disso seria possível. “Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória.” Cl 1.16

Agradeço aos meus pais pelo apoio e incentivo constantes. Obrigada por colocarem minhas necessidades e meus desejos antes dos seus e por não medirem esforços para a realização dos meus sonhos.

Ao meu noivo, agradeço por tanto carinho, dedicação e amor.

Aos meus irmãos, cunhadas, sobrinha e demais familiares, agradeço porque o seu apoio fez toda a diferença.

Ao meu orientador, professor Luiz Carlos Schwindt, agradeço pelo empenho e dedicação em me orientar. Agradeço aos demais professores do curso, pois contribuíram para a minha formação.

Agradeço também aos meus colegas de curso e grandes amigos: Mônica, Isabel, Marianna, Camila e Victor. Obrigada por estarem junto comigo nessa caminhada.

Às minhas amigas Maria Vitória, Joanna, Priscila, Stefani, Joana, Thaísa, Lígia, Morgana e Luana, agradeço por estarem comigo nos momentos bons e ruins.

Aos meus grandes amigos da AME, que eu não tenho espaço para citar aqui, muito obrigada. Vocês são importantíssimos na minha vida. Obrigada por tudo.

RESUMO

Este trabalho pretende descrever o uso do presente do subjuntivo por falantes do Vale do Taquari/RS, analisando a alternância no emprego dos modos subjuntivo e indicativo e investigar quais fatores interferem na escolha de um ou outro modo pelo falante. A principal hipótese é de que os falantes pesquisados utilizem, em algumas situações, formas do indicativo em construções nas quais a gramática normativa prevê a utilização do modo subjuntivo (ex.: “*É preciso que AMAMOS o próximo*” em lugar de “*É preciso que AMEMOS o próximo*”) por um processo de hipercorreção. No modo indicativo, a terminação verbal *-emos* (ex.: *ontem nós voltemo(s)*), quando empregada para designar pretérito perfeito do indicativo, é estigmatizada e denota baixa escolaridade. Por isso, alguns falantes, tentando evitar essa formação entendida por eles como “errada”, acabam corrigindo aquilo que, na verdade, não precisa ser corrigido. Foram realizadas trinta e três entrevistas com falantes da região do Vale do Taquari/RS. As entrevistas foram gravadas e analisadas de forma quantitativa e qualitativa seguindo, em certa medida, os pressupostos da Teoria da Variação Linguística (Labov, 1966, 1972). O instrumento de pesquisa utilizado foi criado exclusivamente para este fim e envolve leitura silenciosa, leitura audível e resposta a questões alternativas. Nos resultados obtivemos indícios de que a hipercorreção pode estar ocorrendo nessa comunidade, pois o índice de desacordo com a gramática normativa foi maior nos contextos favoráveis à hipercorreção (verbos de primeira conjugação com a primeira pessoa do plural) do que nos contextos em que a hipercorreção não ocorre (verbos de segunda e terceira conjugação com a primeira pessoa do plural). Do ponto de vista qualitativo, os depoimentos de alguns informantes após a aplicação dos instrumentos contribuíram para a hipótese de hipercorreção no emprego das formas em discussão.

Palavras-chave: subjuntivo; hipercorreção; bilinguismo.

ABSTRACT

This paper aims to describe the use of the present of the subjunctive by speakers from Vale do Taquari - RS, analyzing alternation in the use of the subjunctive and indicative moods and to investigate which factors influence the choice of the former or the latter by the speaker. The main hypothesis is that the speakers surveyed use, in some situations, the indicative forms in constructions in which the normative grammar prescribe the use of the subjunctive mood (e.g.: “*É preciso que AMAMOS o próximo*” instead of “*É preciso que AMEMOS o próximo*”) through a process called hypercorrection. In the indicative mood, the verb ending -emos (e.g.: *ontem nós voltemo(s)*) is stigmatized and denotes low education. Therefore, some speakers, in an attempt to avoid making a “mistake”, end up correcting what actually does not need to be corrected. Thirty-three interviews with speakers from the region of Lajeado/RS were conducted. The interviews were recorded and analyzed quantitatively and qualitatively. The research instrument used was created exclusively for this purpose and involves silent reading, audible reading and answering to questions with two possible responses. The results obtained evidence that hypercorrection may be occurring in this community, because the rate of disagreement with the normative grammar was higher in favorable contexts to hypercorrection (first conjugation verbs with the first person of the plural [we]) than in contexts where hypercorrection does not occur (second and third conjugation verbs with the first person of the plural). In addition to this, some informants showed hypercorrection production in their statements after the tests.

Keywords: subjunctive; hypercorrection; bilingualism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro com exemplos de hipercorreção (Azambuja, 2012)	19
Figura 2 - Estratificação de classe de uma variável linguística em processo de mudança (Labov, 2006)	21

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de desacordo por modo verbal (subjuntivo x indicativo).....	31
Gráfico 2 - Porcentagem de desacordo por conjugação verbal em contexto de subjuntivo	32
Gráfico 3 - Porcentagem de desacordo (1ª conjugação x 2ª e 3ª conjugação) em contexto de subjuntivo	34
Gráfico 4 - Porcentagem de desacordo em verbos regulares ou irregulares	35
Gráfico 5 - Porcentagem de erro por palavra em contexto de subjuntivo	36
Gráfico 6 - Porcentagem de erro por palavra em contexto de indicativo	39
Gráfico 7 - Porcentagem de desacordo por idade.....	41
Gráfico 8 - Porcentagem de desacordo por idade.....	42
Gráfico 9 - Porcentagem de desacordo por bilinguismo	43
Gráfico 10 - Porcentagem de erro por escolaridade	44
Gráfico 11 - Cruzamento escolaridade baixa x Sexo	46
Gráfico 12 - Cruzamento escolaridade alta x sexo	46
Gráfico 13 – Cruzamento: escolaridade baixa x idade	47
Gráfico 14 – Cruzamento: escolaridade alta x idade	47
Gráfico 15 – Cruzamento: escolaridade baixa x bilinguismo.....	48
Gráfico 16 - Cruzamento bilinguismo (NÃO bilíngues) x escolaridade	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 4 - Porcentagem de desacordo por pessoa gramatical em contexto de subjuntivo	32
Tabela 5 - Porcentagem de erro por estrutura de subjuntivo	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REVISÃO TEÓRICA	12
2.1 Teoria da Variação Linguística.....	12
2.2 O subjuntivo em Português.....	13
2.3 Pesquisas anteriores	16
2.4 Hipercorreção linguística.....	17
3 METODOLOGIA.....	24
4 RESULTADOS E ANÁLISE.....	30
4.1 Análise de variáveis linguísticas	30
4.2 Análise de variáveis sociais	40
4.3 Análise qualitativa	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
6 REFERÊNCIAS	56
7 ANEXOS	58

1 INTRODUÇÃO

A alternância entre os modos indicativo e subjuntivo em Português encontra-se presente no cotidiano dos falantes dessa língua. Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno e podemos encontrar referência a ele até mesmo em gramáticas normativas mais tradicionais. Pesquisas já realizadas, como CARVALHO (2007) e VIEIRA (2007) apontam para o tipo de verbo da oração principal como fator condicionante no uso do modo por parte dos falantes.

Neste estudo, pretendemos analisar a alternância entre o presente do modo subjuntivo e o modo indicativo, tratando-a como variação linguística. Também pretendemos verificar se o uso do modo feito por um falante está ou não de acordo com as normas da gramática tradicional, pois para nossas hipóteses essa informação é muito relevante. Temos duas hipóteses principais: a primeira é de que a variação ocorre especialmente em verbos de primeira conjugação (-ar) na primeira pessoa do plural (*nós*) devido a um processo de *hipercorreção*; a segunda hipótese é a de que esse tipo de hipercorreção que estamos pesquisando ocorra mais entre os falantes de alemão ou italiano devido à influência de suas línguas maternas. Acreditamos que essa hipercorreção ocorra porque a terminação –emos é estigmatizada pelos falantes quando utilizada no modo indicativo (*ex.: ontem nós voltamos de viagem*). Porém, quando utilizada no modo subjuntivo (*ex.: eu espero que nós voltemos a tempo*), ela está correta segundo a gramática normativa. Então, os falantes, tentando evitar uma formação estigmatizada, acabam utilizando a terminação –amos no subjuntivo (*ex.: eu espero que nós voltamos a tempo*), que segundo a gramática normativa está inadequada, o que caracteriza hipercorreção.

Esta pesquisa foi realizada com 33 falantes da cidade de Lajeado/RS, estratificados em sexo (masculino e feminino), faixa etária (até 30 anos de idade e mais de 50 anos), escolaridade (ensino fundamental e ensino superior) e bilinguismo (bilíngue ou não bilíngue). O corpus consiste, portanto, em 33 entrevistas gravadas em áudio e escritas pelos falantes. Optamos por deixar fora de nossa análise informantes com escolaridade ou idade média para que tivéssemos um contraste maior que facilitasse a nossa análise.

Os resultados da parte quantitativa do trabalho mostraram que há um índice maior de desacordo com a norma gramatical no modo subjuntivo do que no modo indicativo. Além disso, há maior índice de desacordo em verbos da primeira conjugação do que em verbos da segunda e terceira conjugação, quando combinados à primeira pessoa do plural (nós). Esses resultados apontam para hipercorreção, visto que é nesse contexto que ela ocorre. Os resultados da análise qualitativa consistem em testemunhos de alguns entrevistados sobre a entrevista e também apontam para hipercorreção.

Este trabalho contém cinco seções principais, sendo a primeira a Introdução.

A segunda seção apresenta uma revisão teórica, tratando sobre variação linguística de maneira sucinta, sobre modo subjuntivo em Português, com enfoque especial no presente do subjuntivo e sobre hipercorreção linguística.

Na terceira seção, intitulada Metodologia, abordamos a descrição do levantamento dos dados, os exercícios que compõem a entrevista, seus objetivos, e como elas foram realizadas.

A quarta seção, Resultados e Análise, que apresenta a análise dos dados e as conclusões feitas a partir destes dados.

Na quinta e última seção apresentamos as Considerações Finais.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Teoria da Variação Linguística

Este trabalho baseia-se na Teoria da Variação, proposta por William Labov na década de 60. Esta teoria apresenta a ideia de que a língua esteja diretamente relacionada à sociedade. Para ele, a língua é o resultado da interação social existente pela necessidade de comunicação. Assim, a língua que um determinado falante usa é afetada pela sociedade em que ele vive, pelos lugares que frequenta e, de forma resumida, pelas interações que tem nessa sociedade. O foco dessa teoria, portanto, está na língua em uso pelos falantes. Essa língua, segundo o linguista, é um sistema organizado, porém não homogêneo, pois apresenta variações. Para ele, diferente do que se pensava na Teoria da Variação Livre, proposta pelo estruturalismo, as variações são previstas no sistema e passíveis de serem analisadas.

O papel do sociolinguista é estudar as variações que as comunidades linguísticas apresentam e verificar se essas variações apontam para uma mudança linguística ou não. Nem toda a variação torna-se mudança, mas para haver mudança precisa, necessariamente, haver variação. É possível que haja pessoas que produzam formas diferentes de uma mesma palavra ou frase, porém isso não significa que uma forma substituirá a outra, mas sim que as duas coexistirão. Por outro lado, se uma forma for substituir outra, é preciso que primeiro haja variação, ou seja, que as duas formas se manifestem ao mesmo tempo. Além disso, o sociolinguista analisa e procura possíveis explicações linguísticas para essas variações.

Assim, a sociolinguística, segundo Mollica e Braga (2003) é

uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. Mollica e Braga (2003, pg. 9)

A análise linguística é feita dentro de uma comunidade linguística, definida por

Alkmim (2001, pg.31) como “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. Isso significa que, em uma determinada comunidade linguística, os seus falantes tenham características comuns presentes em sua linguagem. Mesmo que existam diferenças pessoais, existem aspectos que podem ser analisados no conjunto.

Em nosso trabalho, a comunidade linguística é constituída por moradores da cidade de Lajeado/RS, localizada no Vale do Taquari, região de forte colonização alemã e italiana. Essa comunidade foi escolhida porque uma de nossas hipóteses é de que o fator bilinguismo poderia ter alguma influência no uso do modo subjuntivo, por isso precisávamos de falantes que fossem bilíngues ou que tivessem influências da língua alemã em nossa pesquisa. Essa hipótese surgiu com base em observações feitas a partir do contato com pessoas desse grupo que demonstraram utilizar formas do indicativo quando o contexto era de subjuntivo. Percebemos que isso parecia acontecer com maior frequência nos contextos favoráveis à ocorrência de hipercorreção.

2.2 O subjuntivo em Português

Para tratar do modo subjuntivo em Português, utilizamos a obra de Khedi (1998) que resume a obra de Mattoso Câmara Jr. Em sua obra, o autor propõe uma distinção entre os modos indicativo e subjuntivo.

No modo indicativo, a noção de tempo e suas oposições é mais clara do que no modo subjuntivo. Mattoso Câmara, baseado em Jakobson, privilegiou as oposições binárias, propondo o presente como forma não-marcada em oposição ao pretérito e ao futuro. A justificativa está no fato de que o presente pode substituir o pretérito e o futuro, como, por exemplo, em:

Parto agora. (presente)

Napoleão morre em Santa Helena. (passado)

Parto amanhã. (futuro)

Em seguida, o autor propõe oposições binárias para todos os tempos verbais do modo indicativo (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito-mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito), baseado nos critérios de aspecto e modo e julgando sempre uma forma como a forma marcada.

No modo subjuntivo, existem somente três tempos verbais (presente, pretérito e futuro), porém sua complexidade é muito maior que os do indicativo. O autor também propõe divisões dicotômicas para esse modo e traz exemplos que apontam para a sua complexidade:

Meus olhos apodreçam se abençoar você. (valor de futuro)

Como imaginar um ser que não precisasse de nada? (valor de presente)

No primeiro exemplo, o verbo *apodrecer* está conjugado no presente do modo subjuntivo, portanto, gramaticalmente, a frase está no presente. Porém, o valor que a frase tem é de futuro, pois se trata de uma oração condicional na qual uma ação futura (*meus olhos apodreçam*) depende de outra ação (*se eu abençoar você*).

No segundo exemplo, o verbo *precisar* está conjugado no pretérito imperfeito do modo subjuntivo. Gramaticalmente, a frase está no passado, mas seu valor é de presente. Esse exemplo é ainda mais complexo que o primeiro, pois se trata de uma oração subordinada em que o primeiro verbo está no infinitivo, porém remete a uma ideia de presente (*como imaginar AGORA*). Por outro lado, o segundo verbo, apesar de estar conjugado no pretérito imperfeito por trazer a ideia de irrealidade, tem valor de presente, o que se confirma pelo fato de podermos conjugar o verbo no presente sem alteração de significado:

“Como imaginar um ser que não precise de nada?”

Cabe lembrar que o conceito de irrealidade não será discutido neste trabalho, porém, ele foi abordado por Pimpão (1999) e traz resultados interessantes para o uso do modo subjuntivo.

Mattoso Câmara (Apud Khedi, 1998) apresenta uma visão linguística dos modos indicativo e subjuntivo, enquanto Bechara (2009) e outros gramáticos apresentam uma visão normativa, pretendendo prescrever seu uso.

Segundo a gramática tradicional (normativa), o uso do modo depende da atitude de um falante em relação ao seu enunciado. Se um falante quer expressar certeza, ele deve utilizar o modo indicativo, mas se o falante estiver em dúvida ou se quiser expressar algo incerto, deve fazer uso do modo subjuntivo:

Os modos do verbo – São, conforme a posição do falante em face da relação entre a ação verbal e seu agente:

a) INDICATIVO – em referência a fatos verossímeis ou tidos como tais:

canto, cantei, cantava, cantarei

b) SUBJUNTIVO (conjuntivo) – em referência a fatos incertos: talvez cante, se cantasse.

BECHARA (2009, pg. 221)

Além disso, a gramática tradicional também apresenta o modo subjuntivo como a expressão de um desejo, ou seja, a ação representada pelo modo subjuntivo depende de outra ação: “*Emprega-se o subjuntivo em orações dependentes de outras quando o seu fato verbal não é positivo, mas encerra desejo, súplica, incerteza, dúvida*” (BUENO, 1963, p. 316). Assim, diz-se que o modo subjuntivo é geralmente encontrado em orações subordinadas (orações substantivas, orações adjetivas e orações adverbiais).

PIMPÃO (1999) apresenta alguns exemplos de orações independentes e subordinadas e traz a etimologia da palavra *subjuntivo*, que significa “ligar” ou “subordinar”. É possível perceber que mesmo nas orações independentes existe subordinação, mas, nesse caso, a subordinação não é a outra oração, e sim ao desejo da pessoa que enuncia:

(5) *Talvez tenha acabado o verão.* - oração independente, expressando dúvida

(6) *Que levem tudo no caixão: A alma e o suporte!* - oração independente, expressando ordem

(7) *Espero uma condução que me leve para casa.* - oração adjetiva, expressando um fim que se pretende alcançar

(8) *Sairei, antes que seja tarde.* - oração adverbial, expressando anterioridade

PIMPÃO (1999, pg. 13 – 14)

É preciso ressaltar ainda que há casos em que a alternância entre o modo indicativo e o modo subjuntivo está prevista na gramática normativa:

“Quem diria que ele era capaz disso.

Quem diria que ele fosse capaz disso.”

BECHARA (2000, pg. 283)

Essas formações não entrarão em nossa pesquisa, pois nossa intenção é verificar o uso de formas do indicativo onde somente formas do subjuntivo estão corretas de acordo com a gramática normativa e vice-versa. Como já foi mencionado, segundo a gramática normativa, quando uma frase expressa dúvida ou incerteza, deve ser dita no modo subjuntivo, por exemplo: “*Eu espero que isso aconteça.*” Nesse caso, o uso do

indicativo está inadequado segundo a gramática normativa: “*Eu espero que isso aconteça.*” O mesmo acontece com o modo indicativo, que expressa um fato, uma certeza, como por exemplo em: “*Eu sei que isso acontece.*” Nesse caso, não é adequado segundo a gramática normativa o uso do modo subjuntivo: “*Eu sei que isso aconteça.*”

O foco de nossa pesquisa, portanto são essas formações em que o subjuntivo é prescrito e o indicativo é utilizado ou o indicativo é prescrito e o subjuntivo é utilizado. Acreditamos que esse segundo tipo seja mais incomum que o primeiro, visto que o subjuntivo parece ser um modo que está caindo em desuso.

Apresentamos agora, pesquisas já realizadas sobre a alternância dos modos indicativo e subjuntivo.

2.3 Pesquisas anteriores

PIMPÃO (1999) analisou a alternância entre o presente do modo indicativo e o presente do modo subjuntivo na cidade de Florianópolis a partir dos dados do VARSUL com uma abordagem discursivo-pragmática, propondo uma diferença entre modo e modalidade. Foram entrevistados trinta e seis (36) informantes estratificados em sexo (masculino e feminino), idade (14-24, 25-50, acima de 50) e escolaridade (primário, ginásio, colegial).

Nessa pesquisa, a autora controlou variáveis linguísticas como conjugação e pessoa gramatical, que também estarão presentes em nosso estudo. Os resultados encontrados pela autora apontam para o traço de futuridade como motivador do uso do subjuntivo, e o traço de incerteza como previsto pela gramática tradicional. Além disso, a ausência do traço de futuridade é favorecedora do uso do modo indicativo.

CARVALHO (2007) analisou a alternância dos modos indicativo e subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na fala do Cariri. A pesquisa foi realizada com sessenta informantes estratificados em sexo, faixa etária e anos de escolarização. As variáveis linguísticas independentes são: tipo de verbo da oração principal (verbos volitivos, verbos cognitivos, verbos factivos, verbos *dicendi*), padrão morfofonológico do verbo (verbos regulares, irregulares e anômalos), estrutura da assertividade da oração matriz (negação da matriz/ afirmação da encaixada, negação em ambas, afirmação em ambas, afirmação na matriz/ negação da encaixada),

tempo-modalidade (futuridade, incerteza/avaliação, certeza, verbos *dicendi*), pessoa verbal da oração matriz (1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa), pessoa verbal da oração encaixada (1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa).

Os resultados apontaram para o tipo de verbo da oração matriz e modalidade como condicionadores do uso do modo. O fator anos de escolarização não foi selecionado pelo programa para o presente e nem para o imperfeito. Assim, concluiu-se que a carga semântica do verbo principal demonstrou ser definitiva na escolha entre um modo ou outro.

VIEIRA (2007) analisou a alternância dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas, comparando o português do Brasil com o francês do Canadá. A pesquisa foi realizada na cidade de Natal no estado brasileiro do Rio Grande do Norte a partir do corpus D&G (grupo de discurso e gramática) constituído por vinte informantes estratificados em sexo, faixa etária e escolaridade. Os resultados apontam para a oração subordinada substantiva objetiva direta e um verbo de baixa certeza como contextos favorecedores do uso do modo subjuntivo. Isso evidencia que há fatores semânticos e pragmáticos atuando na escolha que os falantes fazem entre um modo e outro.

Com esses trabalhos vemos que a alternância de modos é um fenômeno recorrente em português e que, por isso, já recebeu atenção de diversos pesquisadores que analisaram diferentes aspectos de sua ocorrência. Porém, entre as pesquisas que encontramos sobre a alternância dos modos indicativo e subjuntivo, não encontramos nenhuma pesquisa que tratasse essa alternância como fruto de hipercorreção, o que é a principal hipótese de nosso trabalho. Trataremos no próximo capítulo sobre hipercorreção.

2.4 Hipercorreção linguística

Tratamos agora sobre hipercorreção linguística por acreditarmos que ela ocorre entre alguns falantes da comunidade pesquisada por nós. Para tratar de hipercorreção, começamos apresentando sua definição segundo o Dicionário de Linguística:

Correção ‘acima do nível da linguagem urbana’. Fenômeno linguístico que consiste na busca excessiva de correção – na fonética, na acentuação, no uso de termos -, que acaba por levar a pronúncias e a usos incorretos, por temor

de incidir em erros populares. É do domínio da sociolinguística, frequente em casos de pessoas que ascendem a uma nova classe social, por motivos sócio-econômicos (mudança para a cidade, casamento com pessoa de outra classe, enriquecimento, etc.). (DUBOIS et al., 1993, p. 323-4)

A partir dessa definição, podemos perceber que a hipercorreção é um fenômeno linguístico, porém diretamente relacionado posição social do indivíduo. Nota-se que a hipercorreção acontece somente com pessoas que possuem algum domínio das regras gramaticais e têm o desejo de falar de forma correta. Por isso, segundo Mattoso Câmara (2002), trata-se de uma “*equivocação no desejo de falar bem*”. Mattoso Câmara apresenta a definição de hipercorreção dando a ela o nome de *hiperurbanismo*, explicando sua origem:

HIPERURBANISMO – Nome especial que se dá à ultracorreção (v.) no âmbito fonológico. Resulta de um esforço excessivo para a correção (v.) na pronúncia. O nome hiperurbanismo (que é um hibridismo consagrado – gr. hipér – para a ideia de ‘excessivo’, lat. Urbano - ‘relativo à cidade’, suf. – ismo, de origem grega) provém de ser comum esse erro entre a gente do campo ao procurar cingir-se à pronúncia urbana. No português atual notam-se principalmente os seguintes tipos de hiperurbanismo no uso, que quer ser elegante, da língua. a) esforço para articular o -s- mudo em verbos como - crescer, nascer; b) supressão de uma vogal, considerada erroneamente como anaptítica (ex. pronunciar e escrever adivinhar com o grupo – à maneira de advogado); c) troca de acentuação, como sutil feito paroxítono, rubrica feito proparoxítono, por causa dos sufixos –il e –ico átonos de fácil e fatídico, etc.. (CAMARA JÚNIOR, 1985, p. 139).

O autor explica a etimologia da palavra hiperurbanismo dizendo que a palavra provém de um “erro” que se manifesta no contraste rural/urbano, porém, sabemos que este é apenas um tipo de hipercorreção entre vários outros. Percebe-se também que o autor trata a hipercorreção como um fenômeno meramente fonológico, afirmando que se trata de um esforço para corrigir a pronúncia. Essa definição está presente em diversos dicionários de linguística ou dicionários tradicionais, porém, sabemos hoje em dia que esse fenômeno pode ocorrer em outros âmbitos. O próprio Mattoso Câmara também apresenta outra definição para hipercorreção de uma forma mais generalizada, apresentado-a como *ultracorreção*:

ULTRACORREÇÃO – ‘Equivocação no desejo de falar bem’ (Pidal, 1944, p.194), quando se modifica, num indevido intento de correção (v.) o que é da norma espontânea linguística (v.). Pode resultar: a) de um raciocínio gramatical em falso; b) de um esforço confuso de resistência a certas tendências para mudanças (v.), no qual se impõe uma solução única a fatos linguísticos diversos. São ultracorreções, contradições entre nós, por exemplo: a) a substituição para copo com água da expressão copo de água, no

pressuposto de que a preposição de sugeriria aí necessariamente a matéria; b) a substituição, na língua escrita do Brasil, para - à rua... da expressão na rua..., em complementos de lugar indicando domicílio, como reação ao vulgarismo do tipo – sentar na mesa (v. vulgarismos). (Cf. Câmara, 1962, 145s). É próprio das ultracorreções aplicarem-se de maneira incoerente e incompleta. Assim, nas acima citadas, não se abrange – a) expressão como – garrafa de vinho, frasco de perfume, b) expressão como – morar no Largo do Machado, com nome de logradouro masculino. A ultracorreção na pronúncia constitui o hiperurbanismo (v.). (CAMARA JÚNIOR, 1985, p. 237).

AZAMBUJA (2012) apresenta um quadro com exemplos de hipercorreções nos diversos âmbitos da linguística:

Ordem	Alteração	Exemplos
Fonológica	/r/ > /l/	“derrame cerebral” > “derrame cerebral”
Morfológica	/Ø/ > /s/	“eneØ coisas” > “enes coisas”
Sintática	Sintagma nominal no singular concorda com sintagma verbal no plural	[o problema acabou] > [o problema acabaram]
Semântica	Diferentes significados	“adrenalina” > “naftalina”

Figura 1 - Quadro com exemplos de hipercorreção (Azambuja, 2012)

Diante desse quadro, a autora afirma que:

podemos pensar a “hipercorreção” enquanto fato linguístico-discursivo que se apresenta em um enunciado e que pode ser da ordem da fonética, morfologia, sintaxe ou da semântica. Equívoco produzido pelo desejo constituído ideologicamente de falar/escrever de acordo com a forma linguística considerada como ideal (...) AZAMBUJA, 2012

Segundo AZAMBUJA (2012), a hipercorreção é um equívoco ideológico, ou seja, é constituído pelo imaginário que os falantes têm de que exista uma língua correta; é também linguístico discursivo, relacionado à pessoa que produz o discurso, dependendo de seu desejo de falar corretamente ou não; pode ser de diversas ordens, não apenas de ordem fonológica. Sobre a hipercorreção como fruto de um imaginário de língua ideal. BAGNO (2012) também afirma que a hipercorreção é:

um fenômeno linguístico que se observa quando um(a) falante ou uma comunidade de falantes, ao tentar se aproximar de um **padrão ideal imaginário de língua ‘boa’**, acaba ‘acertando demais’ e se desviando tanto da gramática intuitiva da língua quanto da gramática normativa. Por isso, é uma hiper- (do grego hyper, correspondente ao latim super-, isto é, “sobre; acima de; demais; para além de; excessivo” etc.) –correção, uma correção excessiva, exagerada, que acaba resvalando a contragosto, no “erro”. BAGNO, 2012 (grifo nosso)

É interessante o comentário do autor que afirma que, ao produzir hipercorreção, o falante se distancia tanto de sua gramática intuitiva (internalizada, segundo o gerativismo) quanto da gramática normativa.

Tendo em mente as definições de hipercorreção que vimos até então, sabemos que esse é um fenômeno social e, assim, podemos procurar definir seu campo de atuação, ou seja, em que pessoas e em quais situações há maior probabilidade de ocorrência de hipercorreção. Uma informação importante sobre a abrangência do fenômeno de hipercorreção é a que nos traz MORENO (2004):

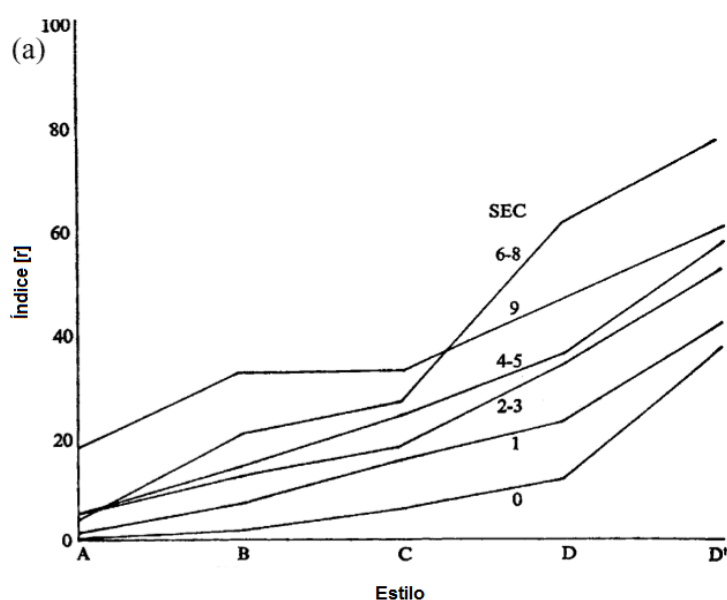
Não é qualquer pessoa que comete erros de hipercorreção; paradoxalmente, eles só atacam os falantes que têm certo grau de estudo, preocupados honestamente com o correto uso do idioma. Não deixa de ser uma ironia linguística: eu fico tão ansioso por evitar um erro para o qual fui alertado, que termino aplicando a regra onde não devia aplicar. (MORENO, 2004)

A partir dessa afirmação já sabemos quais são os falantes que parecem ter menos chance de produzir hipercorreção – aqueles que não têm grande preocupação em utilizar corretamente o idioma ou não têm um domínio gramatical suficiente para tentar fazer generalizações a partir de regras específicas.

Quando pessoas de todas as classes sociais entraram na escola, ampliou-se o acesso a regras gramaticais, permitindo que mesmo as classes sociais mais baixas dominassem determinadas regras da gramática normativa. A hipercorreção parece estar muito presente nessas classes, pois quando essas pessoas começaram a entrar em contato mais frequente com pessoas de classes mais altas, ou quando elas mesmas ascenderam à outra classe, a preocupação com a correção gramatical aumentou. Além disso, essas pessoas parecem ansiar por reconhecimento e prestígio e pensam ser possível conseguir isso através da linguagem. Segundo CALVET (2002, pg 79), a *“hipercorreção é testemunha da insegurança linguística. É por considerar o próprio modo de falar como pouco prestigioso que a pessoa tenta imitar, de modo exagerado, as formas prestigiosas.”* Por isso também, é possível que a hipercorreção esteja mais relacionada às classes mais baixas ou médias pelo fato de elas mesmas se sentirem inferiores a outras classes.

Para tratar sobre as situações em que a hipercorreção pode ocorrer e também sobre o grupo que mais a utiliza, trazemos o clássico estudo de LABOV (2006 – apud

BAGNO, 2012) realizado na cidade de Nova Iorque com informantes de cinco classes sociais sobre a pronúncia do [r] em final de sílaba (travamento silábico). Neste estudo, Labov entrevistou seus informantes em diferentes contextos, dos mais espontâneos aos mais formais e concluiu que, quanto mais o estilo de fala era monitorado, mais os informantes de classe média baixa utilizavam o [r] em vez de apagá-lo, o que é comum em Nova Iorque. Isso parece ter acontecido porque a classe média baixa busca reproduzir formas de mais prestígio social, por isso, há um crescimento muito elevado nessa classe em discursos monitorados. No gráfico, as letras de A a D' representam os estilos de discurso (do mais informal ao mais monitorado). O índice de 0 a 100 é o que representa o uso do [r]. As secantes (linhas) representam as diferentes classes sociais com algumas amalgamações.



[r] em *guard* (“guarda”), *car* (“carro”), *beer* (“cerveja”), *beard* (“barba”), *board* (“quadro”), etc. SEC 0-1: classe baixa, SEC 2-3 e 4-5: classe operária, **SEC 6-8: classe média baixa**, SEC 9: classe média alta.

A: fala casual, B: fala monitorada, C: estilo de leitura, D: listas de palavras, D': pares mínimos

Figura 2 - Estratificação de classe de uma variável linguística em processo de mudança (Labov, 2006)

Com base nesse estudo, Labov afirmou que a hipercorreção tem um papel importante na mudança linguística, pois quando ela ocorre, e a palavra passa a ser difundida entre as classes médias, logo a palavra deixa de ser considerada “erro” e passa a ser correta. Bagno traz como exemplo a palavra *pântano*, que originalmente era *pantano* (paroxítona), mas que por hipercorreção passou a ser *pântano* (proparoxítona). Além disso, o autor afirma que há muitos casos de hipercorreção hoje em dia, tais

como:

“→ troca de [u] por [o], por se considerar que a pronúncia [u] é decorrente de fechamento indevido da vogal: *orina, enxorrada, comprimento*

→ deslocamento do acento tônico para a penúltima sílaba, criando proparoxítonas que, por serem mais incomuns na língua, soam como mais “certas” ou talvez “sofisticadas: *rúbrica, clítoris, misântropo, ávaro, cíclope, filântropo, íbero, púdico, etc.* Também ocorre recuo do acento em palavras oficialmente oxítonas: *réfem, récem, sútil, uréter, etc.* (...)”

→ nasalização da sílaba inicial i-, por influência do prefixo in-: *indiota, indentidade, inzame (exame), etc.* (...)”

→ acréscimo de [r] ao final de formas conjugadas dos verbos, sentidas como infinitivos; como o apagamento do [r] final dos infinitivos é muito comum no PB, alguns falantes, por hipercorreção, pronunciam (e até escrevem) } *como estar você? ele não me dar atenção.*

→ pronúncia de uma semivogal [I] em supostos ditongos: *carangueijo, bandeija, prazeroso, etc.* Como a semivogal [I] sofre assimilação quando em ditongo é seguida de uma consoante palatal ou vibrante simples, algumas pessoas, por hipercorreção, pronunciam um ditongo não previsto na palavra.

BAGNO, 2012

A partir de suas observações, o autor propôs a existência de dois princípios da hipercorreção:

“1º princípio da hipercorreção: entre uma forma A habitual e espontânea, e uma forma B, estranha à variedade linguística da pessoa, ela opta pela forma B em contextos que lhe parecem exigir um estilo mais monitorado.” BAGNO (2012)

Isso acontece pela necessidade que certas pessoas sentem de aproximar a sua fala das regras da gramática normativa. Muitas vezes, o falante pode não conhecer a forma correta de uma palavra segundo a gramática, mas ele acredita que a forma correta não é a que ele utilizaria normalmente e, por isso, ele opta por uma forma diferente da sua, acreditando que essa seja mais correta. Isso acontece especialmente em contextos em que o falante se considera observado ou monitorado por alguém, ou em situações em que o falante pensa estar falando com alguém mais escolarizado que ele.

“2º princípio da hipercorreção: entre uma forma X já incorporada pela gramática do PB, e uma forma Y, presente no padrão normativo, a pessoa opta pela forma Y para não sofrer estigma de seus pares e, assim, preservar sua imagem.” BAGNO (2012)

Esse princípio mostra que um falante, ao escolher entre duas formas linguísticas, sendo uma de seu conhecimento e uso e outra que ele sabe estar presente na gramática, optará por aquela que ele não usa, mas que está na gramática. Isso parece ser um reflexo do que foi dito anteriormente: alguns falantes estigmatizam a sua própria variedade e,

por isso, tentam distanciar-se dela e aproximar-se da gramática normativa. Porém, acabam se distanciando tanto de uma como de outra e produzindo hipercorreção.

Em nosso trabalho, acreditamos que a hipercorreção ocorre pela tentativa de alguns falantes de evitar a terminação –emos que é prescrita pela gramática normativa na primeira pessoa do plural no presente do subjuntivo em verbos de primeira conjugação (*ex.: ainda que nós voltemos*). A tentativa de evitar terminação -emos se dá porque quando essa terminação é utilizada no modo indicativo (*ex.: ontem nós ganhamos um presente*) ela é estigmatizada, ou seja, é de pouco prestígio social.

A seguir, explicaremos a metodologia de nossa pesquisa, isto é, os métodos que utilizamos para verificar se nossas hipóteses, especialmente a de hipercorreção, são plausíveis e sustentáveis para essa comunidade.

3 METODOLOGIA

Com base em nosso conhecimento sobre o modo subjuntivo e a hipercorreção, optamos por elaborar um instrumento de pesquisa, visto que esse tipo de dado não é comumente encontrado em discursos de fala espontânea, como os coletados pelo VARSUL no Rio Grande do Sul, por exemplo. Assim, decidimos criar um instrumento que exigisse dos informantes a escolha por uma forma do subjuntivo ou do indicativo em contextos em que se esperava exclusivamente subjuntivo ou indicativo, mas não alternância entre os dois.

O instrumento (ANEXO 1) foi criado com base em um discurso proferido pela presidente Dilma no ano de 2014 e em um texto religioso de criação própria. A ideia surgiu a partir da constatação de que o uso do presente do subjuntivo está muito relacionado a discursos políticos ou religiosos e que, portanto, o uso desses mecanismos criaria um contexto apropriado para que os informantes se preocupassem mais com a história em si do que em utilizar a estrutura correta.

Na elaboração do instrumento, foram considerados os seguintes aspectos:

- a) Diferentes pessoas gramaticais, mas com ênfase na primeira pessoa do plural, devido à hipótese de que a hipercorreção acontece nessa formação (*ex.: que nós compramos*) para evitar a construção *–emos*, estigmatizada quando usada no modo indicativo (*ex.: nós compremos*). Não utilizamos as pessoas “eu” e “tu”, pois não são comuns em discursos religiosos ou políticos.
- b) Verbos de todas as conjugações, mas com ênfase na primeira conjugação, pois é nela que acontece a formação *–emos*. (*ex.: comprar - que nós compremos*), não havendo motivo para hipercorreção nas outras conjugações (*ex.: vender – que nós vendamos*).
- c) Verbos regulares e irregulares, pois verbos irregulares (*ex.: que nós fizemos, em vez de façamos*) propiciam uma alteração muito mais substancial do que os verbos regulares (*ex.: que nós compramos, em vez de compremos*). Com isso, é possível constatar que a mudança não é apenas fonológica, mas estrutural, envolvendo a escolha de uma forma verbal em detrimento de outra.
- d) Diferentes estruturas de subjuntivo (*ex.: antes que, mesmo que, é preciso que, etc.*)

para verificar se alguma dessas estruturas condiciona mais ou menos a ocorrência da troca dos modos.

e) Formas do modo indicativo para serem comparadas às formas do subjuntivo. (*ex.: ontem nós compramos / compremos*).

Considerando esses aspectos e somando os dois textos, totalizamos dezenove questões alternativas com duas opções cada para que os entrevistados escolhessem a alternativa que eles julgassem mais adequada para completar o texto. Vejamos o exemplo de um trecho da entrevista:

*“O retorno do Paraguai ao Mercosul que (**celebremos / celebramos**) hoje demonstra muito claramente que um dos principais requisitos para que (**possamos / podemos**) avançar no campo da integração é poder contar com a estabilidade.”*

Diante de um trecho como esse, o entrevistado era instruído a sublinhar a alternativa que julgasse mais adequada para completar o texto. Com isso, tentamos aliviar a preocupação do entrevistado com a correção gramatical dizendo a ele que escolhesse a alternativa que ele usaria em uma situação real, porém assim que começaram a ler os textos, os entrevistados demonstraram grande preocupação com a correção gramatical através de suas afirmações. Após terminada essa etapa, foi solicitado que os informantes lessem o texto em voz alta para que pudessem gravar a leitura. A gravação da leitura foi feita com um celular. Somente a leitura foi gravada para que os informantes não se sentissem constrangidos em falar no momento em que lhes perguntamos acerca de suas escolhas no teste. As respostas e comentários dos entrevistados nessa parte foram anotadas pelo entrevistador ao final da entrevista.

É importante observar que nos trechos citados acima, o primeiro contexto era de indicativo e o segundo de subjuntivo. Como o foco da pesquisa é o uso do subjuntivo, tivemos catorze contextos de subjuntivo e apenas cinco contextos de indicativo. Incluímos contextos de indicativo para que os entrevistados não fossem condicionados pela repetição de uma única forma em suas respostas, nesse caso pela repetição de uma forma do subjuntivo.

No final da entrevista, os informantes foram perguntados informalmente acerca do motivo das suas escolhas (porque escolheram uma forma e não outra), constituindo a

análise qualitativa da pesquisa. Nesse momento, também houve oportunidade de trocarmos informações com os entrevistados sobre a entrevista, o que contribuiu para nossa análise qualitativa. O tempo de resposta de cada informante foi observado para verificarmos uma possível influência desse aspecto, porém não foi quantificado. Em geral, todo o processo tinha duração de dez a vinte minutos. As entrevistas foram realizadas em diversos locais, dependendo do entrevistado. A maioria delas foi realizada no local de trabalho dos informantes.

Os informantes também assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, afirmando que foram instruídos quanto a sua participação na pesquisa e que estão de acordo com a mesma.

A seleção dos informantes foi feita a partir dos seguintes critérios:

- Escolaridade (fundamental e superior)
- Idade (até 30 anos, mais de 50 anos)
- Sexo (feminino, masculino)
- Bilíngue ou não bilíngue

Sobre as variáveis sociais, escolhemos controlar a variável bilinguismo devido a trabalhos como o de BOPP DA SILVA (2005) e BATTISTI (1997, 2002 e 2003) que apontaram o bilinguismo como um fator decisivo para a variação de outros fenômenos no sul do Brasil. Além disso, nossa hipótese é de que esse tipo de hipercorreção que estamos pesquisando ocorra mais entre os falantes de alemão ou italiano devido à influência de suas línguas maternas. Também escolhemos esse grupo específico para essa pesquisa, pois nos parece que esse fenômeno não ocorre em cidades que não tenham influências de outros idiomas, como a capital Porto Alegre, por exemplo. Escolhemos pesquisar apenas falantes de alemão devido a um recorte que precisamos fazer na pesquisa, pois não teríamos tempo suficiente para pesquisar também falantes de italiano.

As outras variáveis são padrão nesse tipo de pesquisa. Acreditamos que o resultado para escolaridade mostrará os menos escolarizados como os que mais utilizam formas em desacordo com a gramática normativa, pois eles parecem possuir algum

conhecimento gramatical, porém não tão grande para que tenham pleno domínio do uso do subjuntivo. Além disso, é possível que, por questões de prestígio e identificação social, esses informantes produzam mais hipercorreção que os falantes de ensino superior. O resultado esperado para o fator sexo é o de que as mulheres produzam mais hipercorreção que os homens, pois, como algumas pesquisas apontam, as mulheres têm maior preocupação com questões gramaticais que os homens. O resultado para idade que esperamos é um equilíbrio entre os mais jovens e os mais velhos, pois se a hipercorreção for uma realidade, acreditamos que seja um fenômeno que não esteja deixando de ocorrer.

Assim, para termos um informante por célula, são necessários 16 informantes:

1. Mulher, fundamental, até 30, bilíngue
2. Mulher, fundamental, 51 ou mais, bilíngue
3. Mulher, superior, até 30, bilíngue
4. Mulher, superior, 51 ou mais, bilíngue
5. Mulher, fundamental, até 30, não bilíngue
6. Mulher, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue
7. Mulher, superior, até 30, não bilíngue
8. Mulher, superior, 51 ou mais, não bilíngue
9. Homem, fundamental, até 30, bilíngue
10. Homem, fundamental, 51 ou mais, bilíngue
11. Homem, superior, até 30, bilíngue
12. Homem, superior, 51 ou mais, bilíngue
13. Homem, fundamental, até 30, não bilíngue
14. Homem, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue
15. Homem, superior, até 30, não bilíngue
16. Homem, superior, 51 ou mais, não bilíngue

Procuramos entrevistar dois informantes por célula. Sabemos que para pesquisas sociolinguísticas em geral, esse número é baixo, porém, devido aos limites da pesquisa e ao fato de não trabalharmos com peso relativo, consideramos um número adequado. Tivemos dificuldade de encontrar pessoas com menos de 30 anos que tivessem apenas

ensino fundamental. Sabemos que o acesso à educação aumentou muito nos últimos anos, justificando essa dificuldade. Entre nossos entrevistados, portanto, temos apenas três informantes com menos de trinta anos e escolaridade baixa. Sempre que discutirmos ou pensarmos em algum resultado que envolva idade ou escolaridade, devemos fazer essa ressalva. Além disso, em algumas células, entrevistamos mais de dois informantes. Apesar disso, acreditamos que a pesquisa esteja equilibrada em termos de variáveis sociais. Totalizamos trinta e três informantes com a seguinte distribuição:

- 1 informante - Mulher, fundamental, até 30, bilíngue
- 3 informantes - Mulher, fundamental, 51 ou mais, bilíngue
- 2 informantes - Mulher, superior, até 30, bilíngue
- 2 informantes - Mulher, superior, 51 ou mais, bilíngue
- 0 informantes - Mulher, fundamental, até 30, não bilíngue**
- 4 informantes - Mulher, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue
- 5 informantes - Mulher, superior, até 30, não bilíngue
- 2 informantes - Mulher, superior, 51 ou mais, não bilíngue
- 0 informantes - Homem, fundamental, até 30, bilíngue**
- 2 informantes - Homem, fundamental, 51 ou mais, bilíngue
- 2 informantes - Homem, superior, até 30, bilíngue
- 2 informantes - Homem, superior, 51 ou mais, bilíngue
- 2 informantes - Homem, fundamental, até 30, não bilíngue
- 2 informantes - Homem, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue
- 2 informantes - Homem, superior, até 30, não bilíngue
- 2 informantes - Homem, superior, 51 ou mais, não bilíngue

Assim, tivemos: catorze (14) informantes com ensino fundamental e dezenove (19) informantes com ensino superior; catorze (14) informantes com menos de trinta anos e dezenove (19) informantes com mais de cinquenta anos; catorze (14) informantes do sexo masculino e dezenove (19) informantes do sexo feminino; catorze (14) informantes bilíngues e dezenove (19) informantes não bilíngues.

A cidade escolhida para a realização da pesquisa foi Lajeado no Vale do Taquari/RS. A cidade, que possui 80 mil habitantes, é a cidade pólo do Vale do Taquari. Como afirmamos anteriormente, a cidade possui fortes influências germânicas e italianas, o que nos levou a escolhê-la, pois nossa hipótese é de que o fator bilinguismo tenha alguma influência sobre a ocorrência do fenômeno em estudo. O dialeto alemão falado nessa região é o *Hunsrückisch*.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

4.1 Análise de variáveis linguísticas

Como foi dito no capítulo anterior, nosso experimento tem dezenove contextos de análise para cada informante, ou seja, dezenove contextos em que os informantes deveriam escolher entre uma forma indicativa e uma forma subjuntiva. É importante ressaltar que alguns desses contextos exigiam uma forma subjuntiva e outros contextos exigiam uma forma indicativa.

Os nossos resultados serão apresentados considerando sempre a porcentagem de desacordo com a gramática normativa, ou seja, a porcentagem de vezes em que o uso do subjuntivo era esperado, porém uma forma do indicativo foi utilizada e, também, a porcentagem de vezes em que o uso do indicativo era esperado, mas o subjuntivo foi utilizado. Daremos maior atenção ao primeiro caso, pois é nesse contexto que pode haver hipercorreção.

É importante ressaltar que as entrevistas descritas neste trabalho estão inseridas em um contexto de monitoramento, o que foi perceptível durante o teste. A grande maioria dos informantes disse não ter certeza de que suas respostas estavam certas. Alguns disseram que não lembravam mais de suas aulas de Português e outros ainda perguntaram várias vezes se o teste seria avaliado e se havia um gabarito com as respostas. Acreditamos que esse contexto pode ter favorecido a ocorrência de hipercorreção, pois conforme LABOV (2006), os contextos de maior monitoramento são os mais favorecedores desse processo. Mesmo que tenhamos avisado aos entrevistados de que para nós não se tratava de uma entrevista com viés “normativo” ou gramatical, os informantes demonstraram se preocupar muito mais com a correção gramatical do que em realmente escolher a forma que eles utilizariam em uma situação real.

Assim, iniciamos apresentando os resultados gerais da porcentagem de desacordo com a gramática normativa comparando os dois modos verbais (subjuntivo e indicativo):

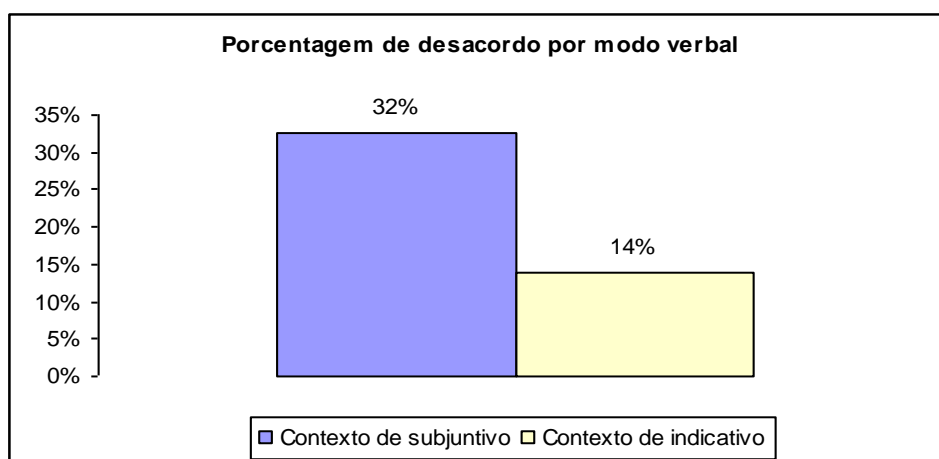


Gráfico 1 - Porcentagem de desacordo por modo verbal (subjuntivo x indicativo)

Aqui, percebe-se que as pessoas têm muito mais dificuldade com o uso do modo subjuntivo do que com o uso do modo indicativo, pois a porcentagem de desacordo em contextos de subjuntivo foi maior que o dobro da porcentagem de desacordo em contextos de indicativo. Isso, possivelmente, se deve ao fato de que o modo indicativo está muito mais presente no cotidiano dos falantes do que o modo subjuntivo, que fica restrito a discursos mais formais.

Como foi dito na metodologia, ao criarmos nosso instrumento de pesquisa, consideramos alguns aspectos que retomamos agora para apresentar os resultados. Cabe lembrar que esses resultados serão restritos aos contextos de modo subjuntivo, pois como já afirmamos, esse é o contexto em que pode haver hipercorreção. Apenas no final retomaremos resultados de contextos de indicativo para fins de comparação.

Sabemos, então, que a hipercorreção ocorre em contexto de modo subjuntivo e, além disso, é necessário que a pessoa gramatical seja a primeira pessoa do plural (*nós*) e que o verbo seja um verbo de primeira conjugação (verbos terminados em *-ar*). Isso porque é nesse contexto que ocorre a oposição entre as formas *-amos* e *-emos* (ex.: *amamos/ amemos*). Acreditamos que alguns falantes tentem evitar a formação *-emos*, mesmo quando ela é prescrita, pois quando utilizada no indicativo (ex.: *ontem nós ganhemos*) ela é estigmatizada. Esse é o principal contexto de hipercorreção:

Ex.: *Talvez nós precisemos de ajuda.* → *Talvez nós precisamos de ajuda.*

Por isso, apresentamos em seguida os resultados para pessoa gramatical e conjugação em contexto de subjuntivo:

Pessoa gramatical	Desacordo	Total	Porcentagem
NÓS	140	330	42%
ELAS	5	33	15%
ELE	5	99	5%

Tabela 1 - Porcentagem de desacordo por pessoa gramatical em contexto de subjuntivo

Decidimos apresentar esses resultados em tabela porque o teste só tinha uma forma com a pessoa gramatical *elas* no subjuntivo e três formas com a pessoa gramatical *ele* no subjuntivo em contraste com dez formas com *nós* no subjuntivo. Isso era previsto, pois a principal hipótese do nosso trabalho é a de hipercorreção, e, portanto, a pessoa gramatical *nós*, porém sempre é preciso fazer essa ressalva. Esses resultados nos mostram cento e quarenta (140) ocorrências de indicativo em contexto de subjuntivo para a pessoa gramatical *nós*, gerando uma porcentagem de desacordo com a norma de 42%. Já para a pessoa gramatical *elas*, houve apenas cinco (5) ocorrências de desacordo com a norma em trinta e três (33) possibilidades (15%) e para a pessoa gramatical *ele* houve cinco (5) ocorrências em noventa e nove possibilidades (5%). Isso fortalece a nossa hipótese de hipercorreção, pois esse fenômeno só ocorre na primeira pessoa do plural, em que há oposição entre as terminações *-amos* e *-emos*.

Obtivemos os seguintes resultados para conjugação em contexto de subjuntivo:

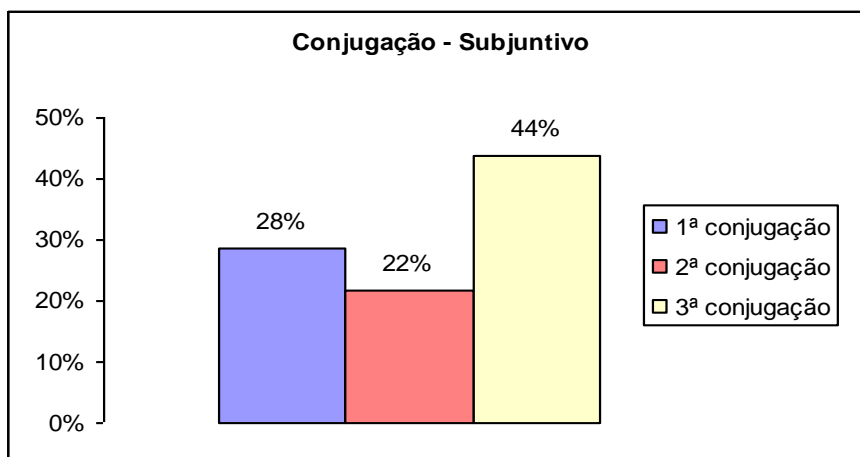


Gráfico 2 - Porcentagem de desacordo por conjugação verbal em contexto de subjuntivo

Esse gráfico apresenta a porcentagem de desacordo nas três conjugações verbais, sendo a terceira conjugação (verbos terminados em *-ir*) a que obteve maior índice de desacordo com a gramática normativa, seguida pela primeira conjugação (verbos

terminados em *-ar*) e pela segunda conjugação (verbos terminados em *-er*). Esses resultados não confirmaram nossa hipótese de hipercorreção, em um primeiro momento, pois esperávamos maior índice de desacordo na primeira conjugação, que é o contexto em que a hipercorreção pode ocorrer. Se há maior porcentagem de desacordo em verbos da terceira conjugação do que em verbos da primeira conjugação, isso poderia significar que não se trata de hipercorreção, mas sim de alternância de modos devido a outros motivos como apresentado na revisão teórica.

Entretanto, percebemos que era preciso fazer um cruzamento entre o resultado para a conjugação verbal e o resultado para pessoa gramatical. Isso porque o contexto em que a hipercorreção ocorre não é apenas em verbos da primeira conjugação e nem apenas quando a pessoa gramatical for a primeira pessoa do plural, mas sim quando as duas informações estiverem juntas. Isso significa, por exemplo, que um contexto em que há um verbo da primeira conjugação (terminado em *-ar*) com a terceira pessoa do plural (*elas*), não temos reflexão suficiente para afirmar que uma formação como “*é preciso que elas amam*” seja justificada por hipercorreção. Nesse contexto não há hipercorreção porque a forma “*amem*” não parece ser estigmatizada em momento algum, portanto os falantes não sentem necessidade de corrigi-la. O mesmo ocorre se tivermos um contexto com a primeira pessoa do plural (*nós*) e um verbo da segunda conjugação (ex.: *é preciso que nós façamos*). A terminação *-amos* não é estigmatizada, por isso não há necessidade de corrigi-la.

Assim, decidimos fazer um cruzamento entre conjugação e pessoa gramatical “*nós*”. Quando fizemos o cruzamento desses dois resultados, decidimos unir a segunda e a terceira conjugação com base nas afirmações de Mattoso Câmara:

Finalmente, pode-se dar a neutralização do plano mórfico, semelhante à que já conhecemos no plano fonológico entre fonemas. A neutralização torna indistinta a diferença, ou melhor dito, anula a oposição entre dois morfemas pelo aparecimento de um morfema único. Isso pode-se dar apenas dentro do plano formal, como numa forma verbal falaram, que no plural da 3ª pessoa tanto se refere ao singular falou, de um dos três pretéritos portugueses, como ao singular falara correspondente a outro desses três pretéritos. Mas também pode ser consequência de uma neutralização fonológica, previamente operada na segunda articulação com a eliminação da oposição entre dois fonemas. Assim, **a neutralização mórfica que torna indistintas entre si a 2ª e 3ª conjugação** em *teme e parte*, por exemplo, resulta da circunstância em que há neutralização entre os fonemas /e/ e /i/ em posição átona final.

Mattoso Câmara (1970) – Grifo nosso

Segundo o autor, há neutralização entre a segunda e a terceira conjugação, ou seja, *elas*

se tornam indistintas, não há mais oposição. Na língua, há várias evidências para isso, como por exemplo: no pretérito imperfeito há oposição entre a primeira conjugação com o alomorfe *-va* (ex. *amava*) e a segunda e terceira conjugação com o alomorfe *-ia* (ex. *bebia*). Além disso, há várias ocasiões em que uma vogal “e” emerge na terceira conjugação (ex. *seguir* → *segue*) ou uma vogal “i” emerge na segunda conjugação (ex. *beber* → *bebi*). Assim, seguimos essa hipótese de Câmara Jr., de uma oposição binária entre a primeira conjugação, por um lado, e a segunda e a terceira, juntas, por outro. Os resultados foram os seguintes:

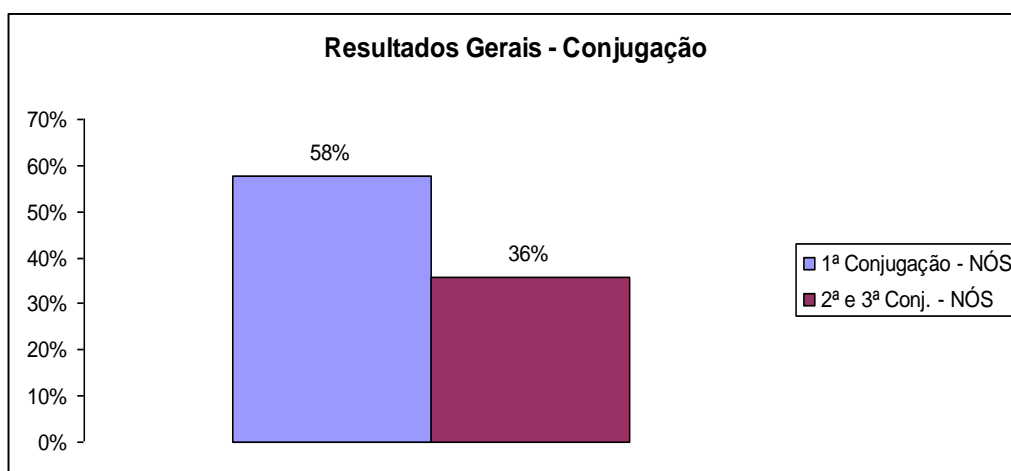


Gráfico 3 - Porcentagem de desacordo (1ª conjugação x 2ª e 3ª conjugação) em contexto de subjuntivo

Tivemos 58% de desacordo com a gramática normativa em verbos de primeira conjugação com a pessoa gramatical *nós* e 36% de desacordo em verbos de segunda e terceira conjugação com a pessoa gramatical *nós*. Isso significa que em 58% dos casos, em que se esperava a terminação *-emos* (ex.: *é importante que nós consideremos*), os informantes utilizaram a terminação *-amos* (ex.: *é importante que nós consideramos*). Em 36% dos casos em que se esperava formas do subjuntivo para segunda e terceira conjugação (ex.: *que nós possamos/ que nós sigamos*), os informantes utilizaram formas do indicativo (ex.: *que nós podemos/ que nós seguimos*).

Esses resultados apontam para hipercorreção, pois há um índice muito maior de desacordo com a gramática normativa com a pessoa gramatical *nós* e na primeira conjugação do que com a pessoa gramatical *nós* na segunda e terceira conjugação. Parece que a questão aqui não é não saber usar o modo subjuntivo ou não, pois se fosse, não haveria uma diferença tão grande entre esses dois contextos, mas parece que há

muito mais desacordo com a norma no primeiro contexto porque os informantes estão produzindo hipercorreção. Ainda assim, o resultado de 36% de desacordo para a segunda e terceira conjugação nos pareceu elevado, mas constatamos que há um desconhecimento da terminação *-amos* (ex.: *façamos*) por parte de alguns falantes, o que pode ter elevado os números. Trataremos mais sobre esse assunto na análise qualitativa do trabalho. Outra possível razão para esse número elevado é que, apesar da neutralização mórfica sugerida por Câmara Jr. para segunda e terceira conjugações, a raiz dos verbos de terceira conjugação se torna ainda mais estranha do que a raiz dos verbos de segunda conjugação porque a raiz dos verbos de terceira conjugação carrega alomorfa (produzida por harmonia vocálica). Isso quer dizer que um verbo como *seguir*, da terceira conjugação, seria conjugado como “*eu sego*” na primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Porém, como a última vogal fonológica dessa formação é um |u|, o |e|, que é uma vogal média se harmoniza com o |u|, que é uma vogal alta, isso é, assume o seu traço de altura e vira um |i| fonológico, resultando em “*eu sigo*”. Isso pode causar estranheza nos verbos de terceira conjugação, o que leva alguns falantes a evitar essa formação, produzindo desacordo com a norma gramatical.

Outro aspecto que controlamos foi regularidade ou irregularidade do verbo. Esse resultado

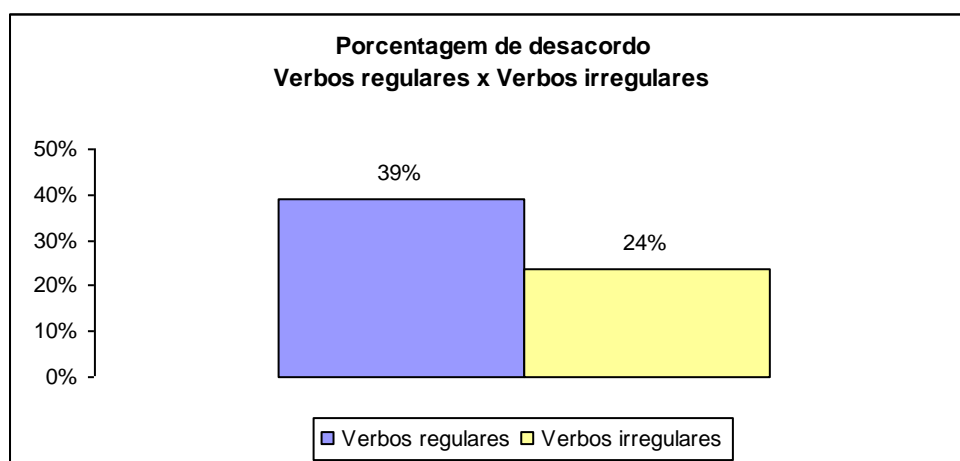


Gráfico 4 - Porcentagem de desacordo em verbos regulares ou irregulares

Esses resultados mostram que há maior desacordo com a gramática normativa nos verbos regulares (39%) do que nos verbos irregulares (24%). Esse resultado se justifica pelo fato de os verbos irregulares serem mais passíveis de memorização e, com

isso, além de os falantes memorizarem a forma da raiz, já memorizam junto a terminação verbal. Isso se deve ao princípio de saliência fônica proposto por Lemle e Naro (1977), cujos estudos apresentam as formas regulares como as formas menos salientes e as formas irregulares como as mais salientes. Segundo esse princípio, “as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (apud Scherre, 1996). Assim, por serem mais marcadas, há maior probabilidade de memorização por parte dos falantes e, por isso, menor possibilidade de “erro”. Isso acontece especialmente com os verbos terceira conjugação, pois como mencionado anteriormente, a raiz desses verbos difere do padrão devido a um processo de alomorfa e, por isso, se torna mais marcada.

É preciso dizer que esse resultado não tem influência alguma em nossa hipótese de hipercorreção, porque não encontramos verbos irregulares na primeira conjugação. Porém, esse resultado é interessante para tratar sobre o uso do subjuntivo de forma geral, que, como vimos em alguns trabalhos apresentados na revisão teórica, é condicionado por diversos fatores.

Agora, apresentaremos os resultados que obtivemos quando olhamos para cada verbo e para as estruturas que o acompanham. Para os verbos inseridos em um contexto de subjuntivo, tivemos os seguintes índices de desacordo com a gramática normativa:

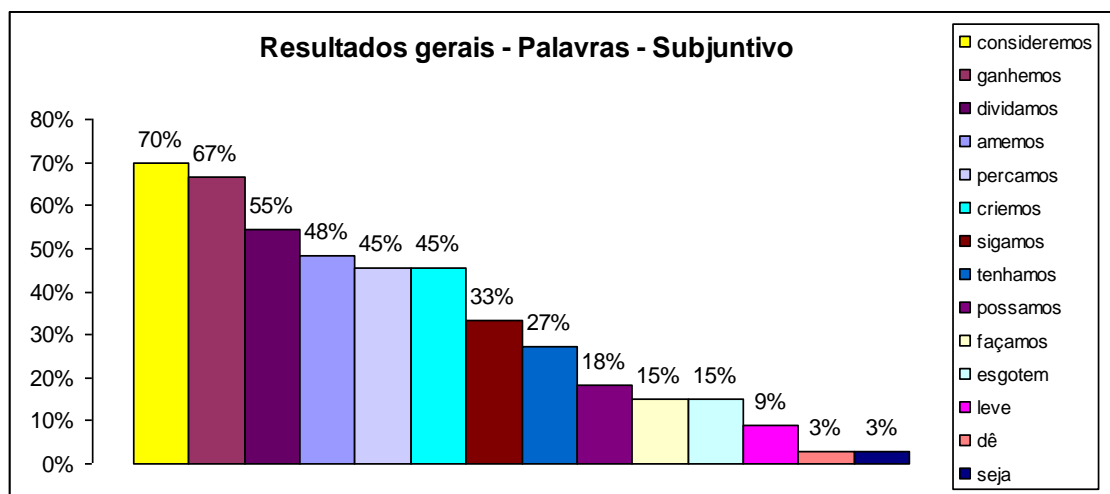


Gráfico 5 - Porcentagem de erro por palavra em contexto de subjuntivo

Nesse gráfico apresentamos a porcentagem de desacordo com a gramática normativa em cada verbo de nosso experimento que estava inserido em um contexto em

que o modo subjuntivo é prescrito pela gramática normativa. Esse gráfico reforça a ideia apresentada anteriormente, pois verbos da primeira conjugação com o pronome *nós* aparecem entre os verbos com maior índice de desacordo, o que aponta para uma possível hipercorreção, já que esse é o seu contexto favorecedor. Não acreditamos que algum desses verbos por si só tenha influência sobre o uso do subjuntivo, porém, acreditamos que esse resultado se torna muito interessante quando colocamos os verbos em seus contextos morfossintáticos, ou seja, as expressões que acompanham cada um desses verbos em nossas entrevistas e que são comuns no uso do subjuntivo:

ESTRUTURA	PALAVRA	% ERRO
Mesmo que	consideremos	70%
Mesmo que nós não	ganheamos	67%
Ele aconselhou que	dividamos	55%
É preciso que	amemos	48%
Ainda que (nos)	percamos	48%
Vai permitir que nós	criemos	45%
Para que	sigamos	33%
Mesmo que (até então não)	tenhamos	27%
Para que	possamos	18%
É importante que nós	façamos	15%
Até que (nossas forças se)	esgotem	15%
Um desenvolvimento que	leve	9%
Para que (Deus nos)	dê	3%
Que nós queremos que	seja	3%

Tabela 2 - Porcentagem de erro por estrutura de subjuntivo

Percebe-se que o maior índice de desacordo ocorre nas palavras *consideremos* (70%) e *ganheamos* (67%). Vemos que essas duas palavras são antecidas pela expressão MESMO QUE:

*“No sermão de domingo, o padre disse que é preciso que (**amamos/amemos**) nossos inimigos MESMO QUE nós não (**ganhamos/ganhemos**) nada com isso.”*

*“MESMO QUE (**consideremos / consideramos**) que não fizemos tudo o que se podia...”*

É possível que o índice de desacordo tenha sido elevado por causa dessa

expressão que pode ter remetido ao passado, ou seja, a uma certeza, a um fato que ocorreu. Uma das entrevistadas, após ter lido o seu texto e ter sido indagada sobre a motivação de suas escolhas, fez uma afirmação que nos levou a tal reflexão:

*“Eu não acredito que as pessoas tenham dito ‘que nós **amamos**’. Isso está errado. Aqui sim, ‘**mesmo que nós não ganhamos**’, porque está no passado.”*

Isso nos mostra que, para ela, o contexto dessa frase é um contexto de passado e que é possível que o mesmo pensamento tenha ocorrido a outros informantes.

Observamos que a estrutura *mesmo que* ocorre em uma terceira frase:

*“mesmo que até então não (**tenhamos/temos**) feito o que agrada a Deus.”*

Nessa frase, houve apenas 27% de desacordo com a norma em comparação com 67% e 70% nas outras duas. Acreditamos que há duas possíveis explicações para isso. É possível que o índice de desacordo com a gramática normativa tenha sido elevado nas duas primeiras frases por causa da hipercorreção, o que não ocorre nessa terceira frase, pois se trata de um verbo da segunda conjugação. Como já vimos, os verbos de segunda conjugação não oferecem contexto para hipercorreção, pois as formas verbais de indicativo desses verbos não são estigmatizadas, o que não leva o falante a se corrigir.

A outra possível explicação é que o índice de erro tenha sido menor na terceira frase por tratar-se de um verbo irregular. Como vimos anteriormente, nos verbos irregulares há uma tendência de memorização, pois são mais salientes. Assim, se um falante memoriza a forma da raiz de um verbo irregular, ele terá maior tendência a memorizar junto a terminação do verbo, diminuindo o índice de “erro” nesses verbos.

Assim, acreditamos que, mesmo que a expressão MESMO QUE possa ter elevado os índices de desacordo com a norma nas duas primeiras frases, isso não significa que a o fenômeno de hipercorreção não possa ter ocorrido nessas frases.

Esses foram os resultados que encontramos por palavras e estruturas em contextos de subjuntivo. Agora, apresentamos os resultados por palavras e estruturas inseridas em um contexto em que o modo indicativo é prescrito pela gramática normativa, mas uma forma do subjuntivo é utilizada. Ainda que esse contexto não seja o foco de nossa pesquisa, acreditamos que esses resultados nos ajudem a falsear hipóteses sobre o uso do subjuntivo, como, por exemplo, a de anteposição de expressões como as que acabamos de ver.

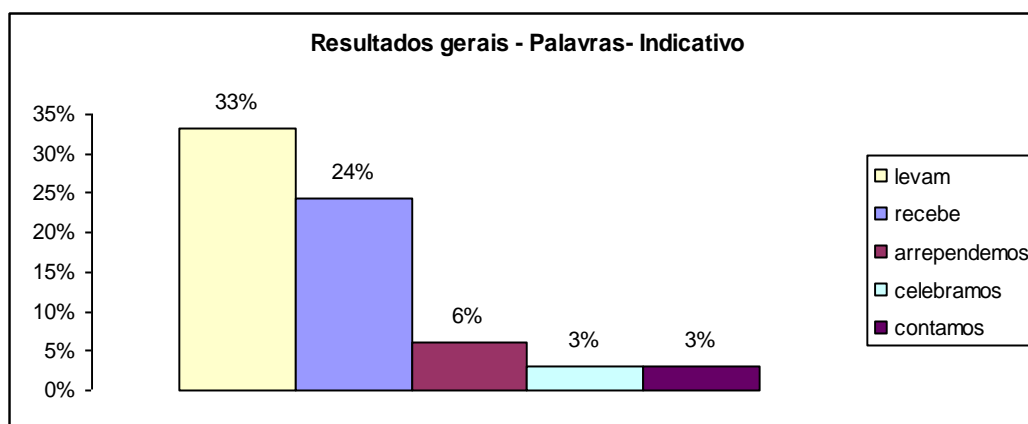


Gráfico 6 - Porcentagem de erro por palavra em contexto de indicativo

Aqui, apresentamos as palavras que estão inseridas em um contexto de indicativo e sua porcentagem de desacordo com a gramática normativa. Percebemos que o maior índice de desacordo foi na palavra “levam” (33%). Uma possível explicação pode ser encontrada ao colocarmos a palavra em seu contexto:

“o fato é que essas políticas levam a uma maior aproximação...”

Acreditamos que os entrevistados utilizaram o modo subjuntivo no lugar do indicativo devido à conjunção *que*, geralmente associada ao subjuntivo. Nesse caso, parece que a estrutura “*que + pessoa + verbo no presente do subjuntivo*” teve maior influência sobre alguns informantes do que a informação lexical trazida pelo subjuntivo. Como dito anteriormente, o modo subjuntivo está relacionado à incerteza e o modo indicativo à certeza. A frase acima é introduzida por “*o fato é...*”, expressando certeza, porém alguns entrevistados, ao se depararem com a conjunção *que*, optaram pelo modo subjuntivo. Esse resultado pode indicar que algumas pessoas se preocupam mais com a estrutura do modo subjuntivo, mas a maioria faz associação com o sentido que a frase como um todo expressa.

Caso semelhante é o da palavra *recebe*, a segunda com maior índice de erro (24%). Ao colocarmos essa palavra em seu contexto, vemos:

“ele disse que Deus sempre nos (recebe/receba) de volta...”

Essa palavra também está em um contexto em que a conjunção *que* está presente, o que pode ter influenciado no uso do modo subjuntivo. Acreditamos que pela distância entre a conjunção *que* e o verbo *receber*, o índice de erro foi menor nessa frase

do que na primeira.

Cabe ressaltar aqui que a palavra *celebramos* também é introduzida por *que* em seu contexto:

“*O retorno do Paraguai ao Mercosul que celebramos hoje demonstra...*”

Isso parece contrariar nossa hipótese de que nas duas frases citadas acima o índice de desacordo tenha sido elevado pela conjunção *que*, pois nessa última frase essa conjunção também está presente, porém o índice de desacordo foi de apenas 3%. Porém, acreditamos que isso pode estar relacionado à presença da palavra *hoje* logo após o verbo, pois essa palavra deixa claro o contexto de presente do indicativo e traz um caráter factual à frase, também característico de modo indicativo.

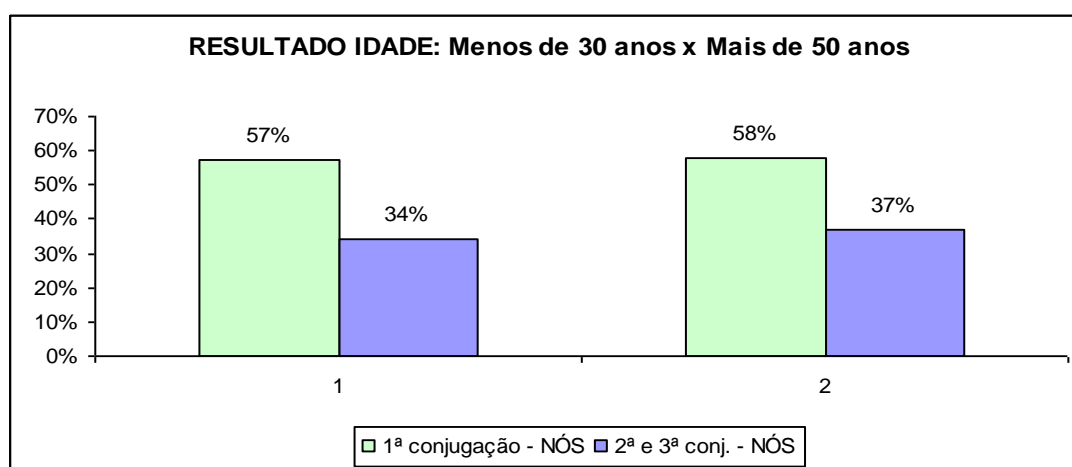
Acreditamos que haja várias possíveis explicações para o uso do modo subjuntivo em um contexto de indicativo, mesmo sendo ocorrências incomuns e estranhas, visto que o subjuntivo está caindo em desuso. Acreditamos também que os desacordos que ocorreram na entrevista nesse contexto não eliminam a possibilidade de os desacordos ocorridos em um contexto de subjuntivo serem decorrentes de hipercorreção.

4.2 Análise de variáveis sociais

Como especificado na metodologia, retomamos as variáveis sociais presentes em nosso trabalho: idade (menos de trinta anos ou mais de cinquenta anos), sexo (masculino ou feminino), bilinguismo (bilíngues e não bilíngues) e escolaridade (ensino fundamental ou ensino superior). Todas as variáveis sociais foram por nós analisadas a partir de nossa hipótese de hipercorreção, ou seja, analisamos as variáveis comparando os resultados para primeira conjugação com a primeira pessoa do plural *nós* em contraste com os resultados para segunda e terceira conjugação *nós*. Nos gráficos apresentados, comparamos esses dois resultados para cada um dos fatores sociais (*ex.: sexo masculino x sexo feminino*), por isso, cada gráfico traz duas informações.

A primeira informação compara a porcentagem de desacordo com a gramática normativa para as conjugações (*primeira x segunda e terceira*) com a primeira pessoa do plural *nós* dentro do próprio fator (*sexo masculino*, por exemplo). Com a segunda informação encontrada no gráfico podemos comparar a porcentagem de desacordo para a primeira conjugação com a primeira pessoa do plural *nós*, por exemplo, contrastando o resultado para *sexo feminino e masculino*, por exemplo. Cabe lembrar que os resultados são dados em porcentagem de desacordo com a gramática normativa e somente para o modo subjuntivo em virtude de nossa hipótese de hipercorreção.

O primeiro resultado que apresentamos é o encontrado para a variável idade:



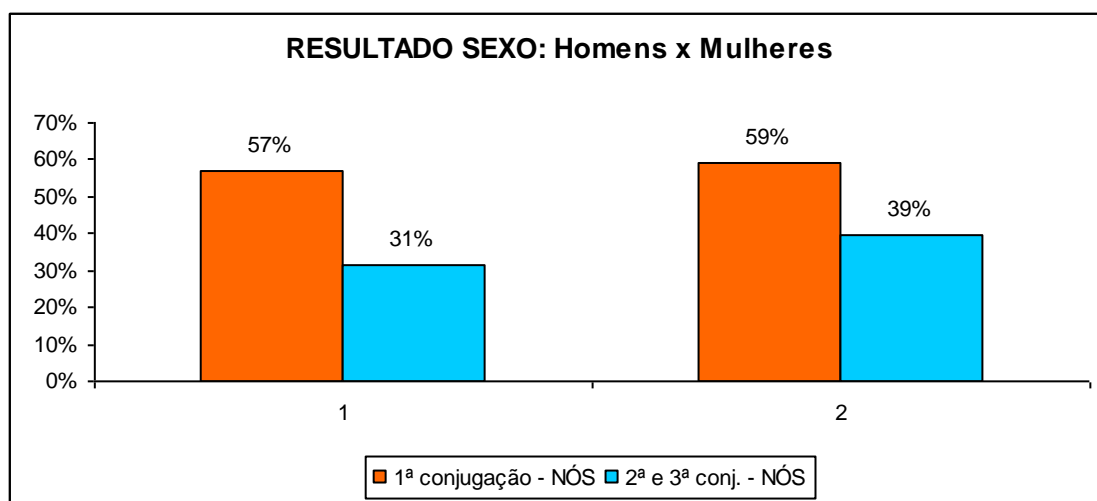
1 = Menos de 30 anos ; 2 = Mais de 50 anos
Gráfico 7 - Porcentagem de desacordo por idade

Nesse gráfico podemos ver que, entre os informantes com menos de trinta anos, há 57% de desacordo na primeira conjugação com o pronome *nós*, enquanto há 34% de desacordo na segunda e terceira conjugação com o pronome *nós*. Resultado muito semelhante foi encontrado para os informantes com mais de cinquenta anos: 58% de desacordo na primeira conjugação com o pronome *nós* e 37% de desacordo na segunda e terceira conjugação com o pronome *nós*.

Estes resultados mostram que o índice de desacordo com a gramática normativa é maior no contexto que favorece a hipercorreção, tanto para os mais jovens quanto para os mais velhos. Além disso, podemos ver que não há diferença na porcentagem de desacordo para os mais jovens e mais velhos em ambas conjugações. A partir disso,

vemos que, se a hipercorreção é uma realidade, ela não parece estar desaparecendo nessa comunidade, pois os resultados foram os mesmos tanto para os mais velhos quanto para os mais jovens.

A segunda variável social que controlamos foi o sexo dos informantes e encontramos os seguintes resultados:



1 = Homens; 2 = Mulheres
Gráfico 8 - Porcentagem de desacordo por idade

Esse resultado nos mostra que, entre os homens, a porcentagem de desacordo com a gramática normativa para o contexto favorecedor do processo de hipercorreção é de 57%, enquanto para o outro contexto (segunda e terceira conjugação) é de apenas 31%. Para as mulheres, a porcentagem de desacordo é de 59% para o contexto favorecedor de hipercorreção e de 39% para o outro contexto (segunda e terceira conjugação). Esse resultado parece mostrar que o fator sexo é irrelevante para a ocorrência do fenômeno de hipercorreção, pois não há grande distinção entre os resultados de homens e de mulheres. Considerando estudos sobre o fenômeno de hipercorreção em outros casos, vemos que geralmente o resultado para a variável sexo mostra uma maior ocorrência de hipercorreção entre as mulheres, pois conforme LABOV (2001), as mulheres tendem a utilizar mais variantes de prestígio que os homens e são mais resistentes ao uso de variantes estigmatizadas nos processos que ocorrem acima do nível da consciência. Isso pode levar as mulheres a produzirem mais hipercorreção do que os homens, pois elas tentarão evitar formas estigmatizadas (como

as que terminam em *-emos* no indicativo) e acabarão se corrigindo onde não há necessidade. Não percebemos em nossa amostra elementos que pudessem justificar a semelhança do resultado para a variável sexo.

Outra variável social por nós controlada foi o bilinguismo e obtivemos os seguintes resultados:

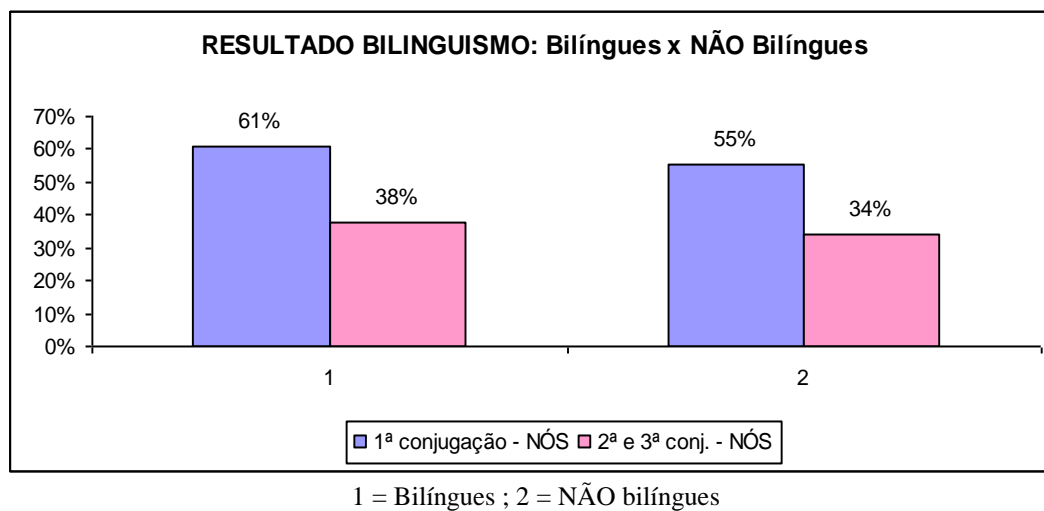


Gráfico 9 - Porcentagem de desacordo por bilinguismo

Este resultado mostra que 61% dos bilíngues produziram formas em desacordo com a gramática tradicional no contexto de hipercorreção contra 38% de desacordo nos contextos que não favorecem hipercorreção. Já os não bilíngues produziram 55% de formas em desacordo com a gramática tradicional no contexto que favorece a hipercorreção e 34% de desacordo nos contextos que não favorecem a hipercorreção. Em certa medida, vemos aqui que os bilíngues produzem mais formas em desacordo com a norma do que os não bilíngues. Como vimos na metodologia, alguns estudos, como BOPP DA SILVA (2005) e BATTISTI (1997; 2002; 2003), demonstram que os falantes bilíngues se comportam diferentemente de falantes não bilíngues em alguns aspectos linguísticos. Em nosso caso, é possível que isso aconteça pelo fato de que, em alemão, quando se utiliza o modo subjuntivo, existe um verbo auxiliar que caracteriza o subjuntivo, enquanto o verbo principal da oração é o mesmo do modo indicativo. Isso acontece tanto no Alemão gramatical quanto no dialeto *Hunsrückisch*. Ainda é possível que os falantes bilíngues tenham mais medo de errar por já se sentirem diferentes linguisticamente dos falantes não bilíngues. A uma informante bilíngue de nossa

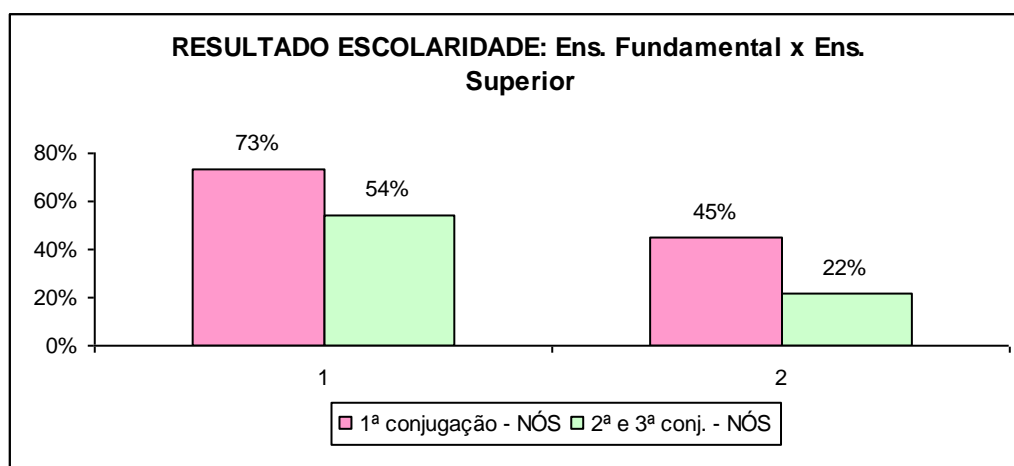
pesquisa foi dito ao final da entrevista enquanto conversávamos informalmente que um de nossos objetivos era verificar se o fato de alguém falar alemão teria alguma influência sobre sua maneira de falar português e essa entrevistada afirmou que *com certeza* existe essa diferença, o que pode dar indícios de que essa hipótese seja verdadeira. É importante ressaltar que dissemos isso a ela no momento de conversa após a entrevista em caráter informal.

Outra possível explicação podemos encontrar em BOPP DA SILVA (2005), que justifica a maior aplicação de redução da nasalidade por falantes bilíngues do que por falantes monolíngues da seguinte maneira:

“Outra explicação para o nosso resultado pode ser o modo de aquisição do português pelos imigrantes e seus descendentes. Visto que as formas preservadas, predominante entre os bilíngues são aquelas mais próximas da modalidade escrita e sabendo que muitos deles aprenderam o português via escola, pode-se pensar que este resultado encontra suas causas na forma de aquisição e transmissão do português entre os teuto-brasileiros. Desta forma, o imigrante adquire uma variedade de português mais próxima da modalidade escrita e é esta variedade que passa a seus descendentes.” BOPP DA SILVA, (2005, pg. 120)

Acreditamos que esse argumento também pode explicar a ocorrência mais elevada de hipercorreção entre os bilíngues do que entre os monolíngues, pois a hipercorreção está muito ligada a regras gramaticais que, geralmente, são mais presentes na língua escrita do que na língua falada.

A última variável social que controlamos foi a escolaridade e encontramos os seguintes resultados:



1 – Ens. Fundamental; 2 – Ens. Superior
Gráfico 10 - Porcentagem de erro por escolaridade

Como prevíamos, encontramos maior porcentagem de desacordo entre os menos escolarizados do que entre os mais escolarizados. Entre os menos escolarizados, no contexto em que a hipercorreção pode ocorrer, tivemos 73% de desacordo com a norma, enquanto no contexto em que ela não ocorre tivemos 54% de desacordo com a norma. Já entre os mais escolarizados, tivemos 45% de desacordo com a norma no contexto em que a hipercorreção pode acontecer contra 22% de desacordo com a norma nos contextos em que ela não ocorre.

Esse resultado mostra que a escolaridade parece ser fator determinante para o fenômeno. As pessoas menos escolarizadas sentem mais necessidade de se identificar com as pessoas mais escolarizadas e pensam que isso é possível através da língua. Por isso, se esforçam para falar de acordo com as normas da gramática tradicional e acabam se corrigindo e aplicando uma regra onde ela não seria necessária.

Um fato interessante sobre a escolaridade é que a única distinção que tivemos quanto ao tempo de resposta foi que os falantes com mais escolaridade tiveram um tempo de resposta em geral menor do que os falantes com baixa escolaridade. Acreditamos que isso aconteça pela falta do hábito de ler e pela dificuldade de interpretação textual. É possível também que os falantes menos escolarizados tenham mais preocupação com a correção linguística do que os falantes mais escolarizados e, por isso, tenham investido mais tempo pensando em suas respostas.

Como a escolaridade demonstrou ser o fator social que mais tem influência sobre o fenômeno, decidimos cruzar essa variável com as outras variáveis sociais.

O primeiro cruzamento que fizemos foi com a variável sexo. No primeiro gráfico, apresentamos os resultados para escolaridade baixa, comparando homens e mulheres. No segundo gráfico, apresentamos os resultados para escolaridade alta, também comparando homens e mulheres. Cabe ressaltar aqui que decidimos fazer um recorte em nossos cruzamentos, tratando apenas da primeira conjugação, ou seja, o contexto favorável à hipercorreção, para facilitar a leitura dos gráficos. Acreditamos que, como a proporcionalidade entre primeira conjugação em contraste com segunda e terceira conjugação tem se mantido, é possível fazer esse recorte sem prejudicar a análise da pesquisa.

Os resultados para a porcentagem de desacordo com a gramática tradicional

nesse cruzamento foram os seguintes:

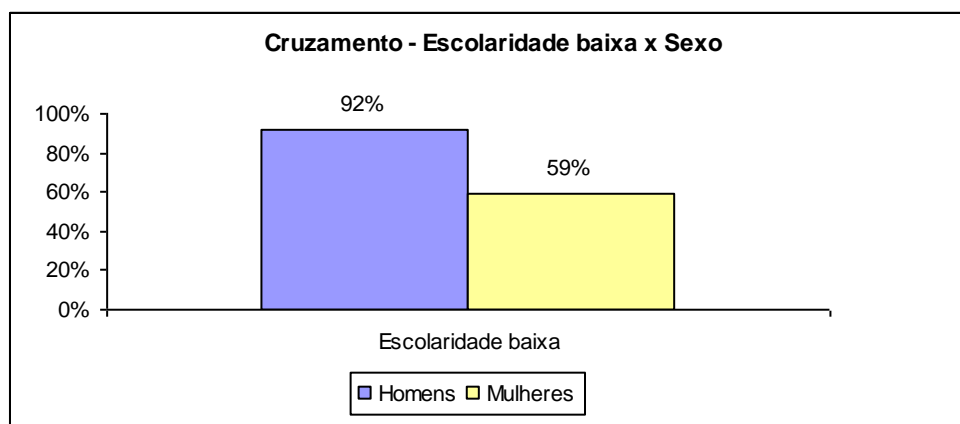


Gráfico 11 - Cruzamento escolaridade baixa x Sexo

Esse gráfico mostra que os homens de escolaridade baixa tiveram uma porcentagem de desacordo com a gramática normativa de 92%, enquanto as mulheres de escolaridade baixa tiveram apenas 59% de desacordo. Esse resultado parece mostrar que os homens de escolaridade baixa produzem mais hipercorreção do que as mulheres de escolaridade baixa, visto que aqui só analisamos o contexto favorável à hipercorreção.

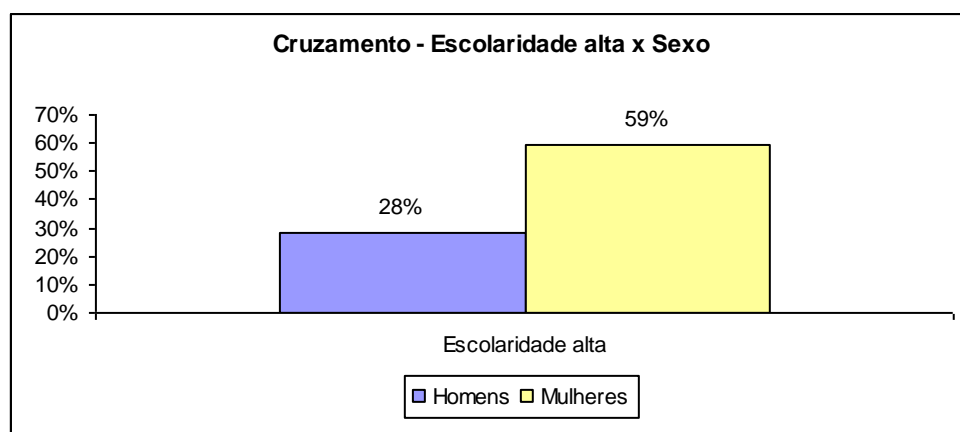


Gráfico 12 - Cruzamento escolaridade alta x sexo

Esses resultados mostram que a porcentagem de desacordo com a gramática normativa no contexto favorável à hipercorreção foi de apenas 28% para os homens com escolaridade alta e 59% para as mulheres com escolaridade alta.

Comparando os dois gráficos, percebemos que os resultados se invertem. No

primeiro gráfico, o de escolaridade baixa, os homens parecem produzir mais hipercorreção do que as mulheres e no segundo gráfico, o de escolaridade alta, as mulheres parecem produzir mais hipercorreção do que os homens. Nesse caso, vemos que o resultado para escolaridade diferencia homens e mulheres quanto à possível produção de hipercorreção.

Fizemos também o cruzamento da variável idade com a variável escolaridade e obtivemos os seguintes resultados:

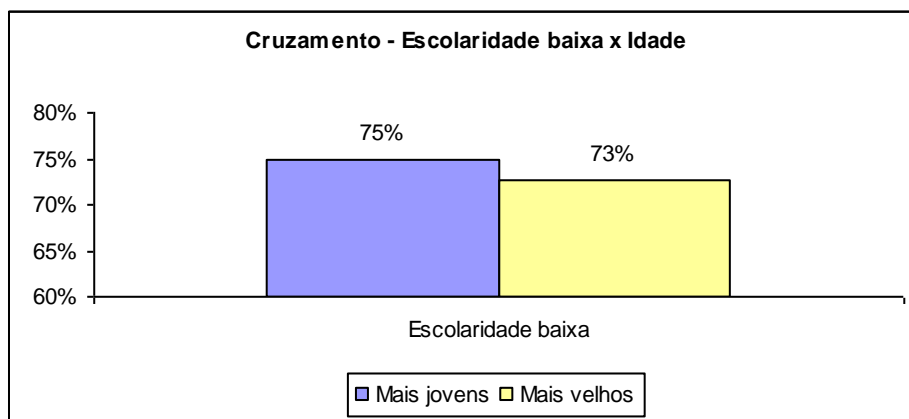


Gráfico 13 – Cruzamento: escolaridade baixa x idade

Esse gráfico mostra que a porcentagem de desacordo com a gramática normativa no contexto favorável à hipercorreção foi de 75% para os mais jovens com escolaridade baixa e de 73% para os mais velhos com escolaridade baixa, praticamente não havendo diferença entre eles. Vale lembrar que tivemos apenas três (3) informantes mais jovens com escolaridade baixa contra onze (11) informantes mais velhos com escolaridade baixa, portanto esses resultados podem ter sido afetados por essa diferença no número de informantes.

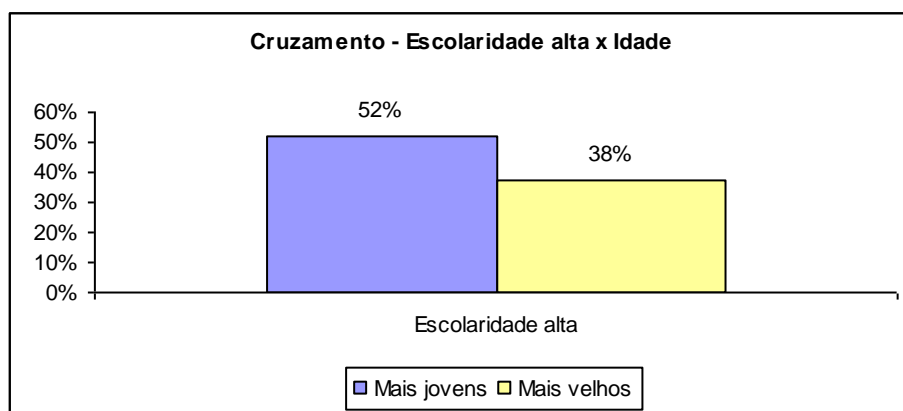


Gráfico 14 – Cruzamento: escolaridade alta x idade

Esse gráfico mostra que a porcentagem de desacordo com a gramática normativa no contexto que favorece a hipercorreção foi de 52% para os mais jovens com escolaridade alta e de 38% para os mais velhos com escolaridade alta. Nesse gráfico, o número de informantes está equilibrado. É interessante perceber que, entre os mais escolarizados, os mais jovens parecem produzir mais hipercorreção do que os mais velhos.

Por fim, cruzamos a variável bilinguismo com a variável escolaridade e os resultados foram os seguintes:

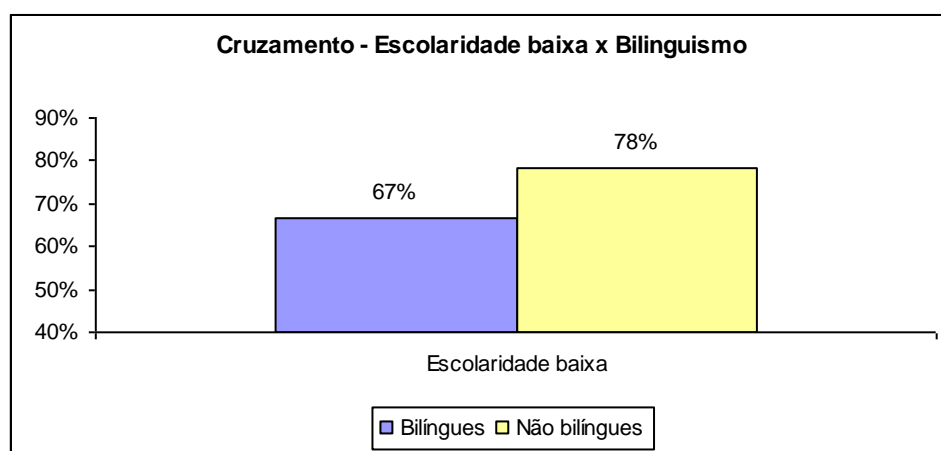
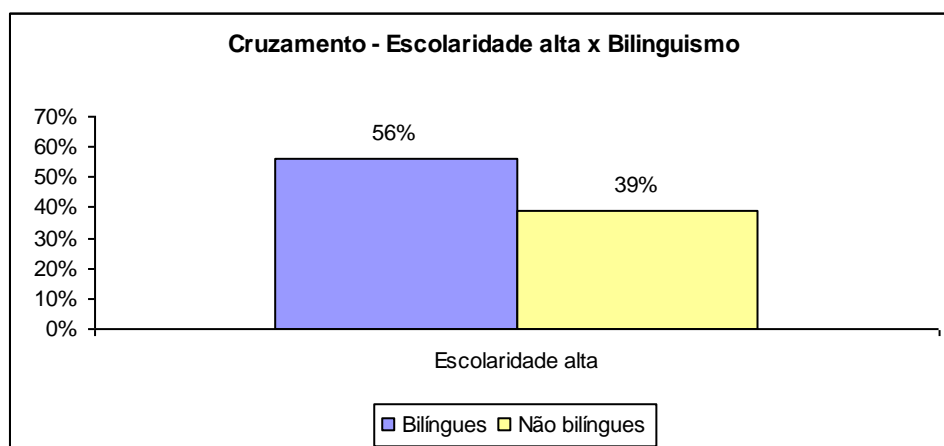


Gráfico 15 – Cruzamento: escolaridade baixa x bilinguismo

Esses resultados mostram que a porcentagem de desacordo com a gramática normativa no contexto que favorece a hipercorreção foi de 67% para os bilíngues com escolaridade baixa e de 78% para os não bilíngues de escolaridade baixa. Nesse caso, parece que os não bilíngues de escolaridade baixa produzem mais hipercorreção que os bilíngues de escolaridade baixa.



1 = Ens. Fundamental; 2 = Ens. Superior
Gráfico 16 - Cruzamento bilinguismo (NÃO bilíngues) x escolaridade

Já nesse gráfico, vemos que a porcentagem de desacordo com a gramática normativa no contexto favorável à hipercorreção foi de 56% para os bilíngues com escolaridade alta e de 39% para os não bilíngues com escolaridade alta.

Percebemos que assim como os resultados para o cruzamento entre escolaridade e sexo se invertem, aqui também os resultados se invertem. Os bilíngues de ensino fundamental tiveram menos formas em desacordo que os não bilíngues de ensino fundamental, mas os bilíngues de ensino superior tiveram mais formas em desacordo do que os não bilíngues de ensino superior.

4.3 Análise qualitativa

Como foi dito na metodologia, ao final das entrevistas nos dedicamos a conversar com os informantes acerca do motivo de suas escolhas em nosso teste para verificar se encontraríamos indícios de hipercorreção, visto que esse processo está muito relacionado a questões de prestígio e status por parte do falante. Essas conversas constituem o que chamamos de análise qualitativa do trabalho.

Alguns dos entrevistados demonstraram em seus comentários fortes indícios de hipercorreção. Além disso, uma entrevistada demonstrou não ter domínio suficiente da regra gramatical para produzir hipercorreção. Nesse caso, parece que há um grupo que produz hipercorreção por ter certo domínio de regras gramaticais, mas também há pessoas que não produzem hipercorreção porque não tem um domínio mínimo de

regrais gramaticais. A seguir, apresentaremos alguns trechos de entrevistas interessantes discutindo suas possíveis representações.

Entrevista 14

*“É engraçado porque na rádio eu entrevisto muitas pessoas e quando elas são mais escolarizadas, como professores, por exemplo, eu cuido mais com a minha fala, procuro falar certinho. Mas quando as pessoas não são tão escolarizadas, eu utilizo um linguajar mais popular. **Claro que eu jamais diria AMEMOS ou GANHEMOS, mas não é tão formal.**”*

Nesse caso, o entrevistado estava fazendo referência às duas primeiras questões do teste, que são:

*“No sermão de domingo, o padre disse que é preciso que (**amamos/amemos**) nossos inimigos mesmo que nós não (**ganhamos/ganhemos**) nada com isso.”*

Nota-se que, nesses dois casos, o uso correto segundo a gramática normativa seria *amemos* e *ganhemos*, mas para esse entrevistado, a terminação *-emos* denota baixíssima escolaridade e seu uso está incorreto. Por isso, ele evitou utilizá-la, completando a frase da seguinte maneira:

*“No sermão de domingo, o padre disse que é preciso que **amamos** nossos inimigos mesmo que nós não **ganhamos** nada com isso.”*

Esse entrevistado pertence a um grupo social em que a hipercorreção é comum, pois ele possui escolaridade baixa e está inserido em um meio em que status e prestígio parecem ser muito importantes. Dadas essas características, é possível que ele sinta necessidade de identificação. Percebe-se que, mesmo que ele busque aproximar sua linguagem de pessoas menos escolarizadas quando necessário, ele ainda tenta manter certo “padrão” de linguagem, o que se percebe quando ele afirma que “**jamais diria AMEMOS ou GANHEMOS**”.

Entrevista 25

Esta entrevistada disse:

“Gostei muito de responder este teste porque é parecido com os de concursos públicos. Recentemente eu comprei um curso de Português de um professor maravilhoso e eu me

lembrei muito das aulas dele para responder essas questões.”

Ao conferir o teste dela, percebi que todas as vezes em que havia um contexto de subjuntivo com um verbo da primeira conjugação com a primeira pessoa do plural (ex.: *é preciso que nós amemos*) a entrevistada utilizou a terminação *-amos*, como por exemplo:

*“Devemos buscar a diminuir os impostos, o que vai permitir que nós **criamos** uma zona de livre comércio sul-americana.”*

Isso demonstra que ela estava preocupada em falar de forma correta segundo a gramática normativa e provavelmente foi influenciada pelo seu curso de Português a evitar a terminação *-emos*, o que pode ter gerado a ocorrência de hipercorreção. É interessante observar que essa entrevistada é professora e, portanto possui alta escolaridade. Em seu caso, não me parece que a hipercorreção acontece por necessidade de identificação ou de prestígio, mas por preocupação com as normas gramaticais e o “falar correto”, o que é uma característica comum entre professores.

Entrevista 1:

A entrevistada não escolheu nenhuma forma terminada em *-amos*. Quando pedi para que ele justificasse sua escolha, ela disse:

- *“Eu fui pelo que eu achei mais certo. E, por exemplo, **FAZEMOS** eu conheço e falo, mas **FAÇAMOS** eu não sei o que é.”*

A entrevistada produziu sete formas em desacordo com a norma, todas evitando o uso da terminação *-amos* (PERCAMOS, por exemplo). Isso parece demonstrar que essa entrevistada, na verdade, não usou as formas com *-emos* em contextos de subjuntivo porque sabe que estão de acordo com a norma gramatical, mas porque não conhece as outras formas. Essa análise também se justifica pelo uso da terminação *-emos* em um contexto de indicativo:

*“Nós **contemos**, querida Cristina, com a sua sensibilidade política, a sua capacidade de liderança para que **seguimos** no caminho do fortalecimento do Mercosul.”*

Acreditamos que essa entrevistada faça parte de um grupo que não tem conhecimento das regras gramaticais o suficiente para produzir hipercorreção, pois ela desconhece formas terminadas em *-amos*, utilizando apenas as formas em *-emos*.

Retomo a citação de Moreno (2004), que diz que “não é qualquer pessoa que comete erros de hipercorreção; paradoxalmente, eles só atacam os falantes que têm certo grau de estudo, preocupados honestamente com o correto uso do idioma” (MORENO, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que essa pesquisa tenha contribuído para a discussão sobre o uso do subjuntivo. Tendo em mente que nossa principal hipótese é que a alternância entre o presente do subjuntivo e o modo indicativo pode ocorrer por um processo de hipercorreção, retomamos agora os nossos principais resultados:

- Nossa primeira conclusão, baseada na porcentagem de desacordo com a gramática tradicional, foi que os falantes em geral têm maior dificuldade no uso do subjuntivo do que no uso do indicativo. Isso, possivelmente, se deve ao fato de que o modo indicativo está muito mais presente no cotidiano dos falantes do que o modo subjuntivo, que fica restrito a discursos mais formais.

- Também olhamos para pessoa gramatical (nós, ele e elas) e, apesar da diferença no número de dados, os resultados apontam que há maior índice de erro na pessoa gramatical *nós*, contexto em que pode haver hipercorreção, do que nas outras pessoas, em que não há evidências para a ocorrência de hipercorreção.

- O resultado para conjugação mostrou maior índice de desacordo em verbos da terceira conjugação, seguidos por verbos da primeira e depois a segunda conjugação. Em um primeiro momento, esse resultado nos pareceu contrário à hipótese de hipercorreção, mas depois fizemos um cruzamento entre os dois resultados anteriores para analisarmos somente o contexto de hipercorreção. O resultado para o cruzamento mostrou um índice de desacordo muito maior no contexto favorável à hipercorreção do que no que não favorável.

- Comparamos também verbos regulares e irregulares. Os primeiros tiveram maior índice de desacordo que os segundos. Acreditamos que isso ocorreu devido ao princípio de saliência fônica e à alomorfa da raiz dos verbos de terceira conjugação.

- Observamos também o índice de desacordo com a gramática normativa em cada verbo em contexto de subjuntivo e as estruturas morfossintáticas que os acompanham e vimos que a expressão *mesmo que* pode ter elevado o índice de desacordo por ter remetido ao passado (modo indicativo).

- Também analisamos o índice de desacordo em contextos em que o indicativo

era prescrito, mas que o subjuntivo foi usado. Procuramos possíveis explicações para essas ocorrências e vimos que o uso da conjunção *que* pode ter elevado o índice de desacordo por ela ser muito característica no subjuntivo.

- Entre as variáveis sociais, o resultado para idade não demonstrou ser de grande relevância, pois os índices de desacordo para os mais velhos e mais jovens foram muito parecidos. O resultado para sexo também não demonstrou ter grande relevância.

- O resultado para bilinguismo mostrou que os bilíngues tiveram uma porcentagem de desacordo levemente maior no contexto favorável à hipercorreção que os não bilíngues, o que pode ser por influência da língua alemã ou por influência da escrita, forma de aquisição do português por muitos descendentes e imigrantes.

- O resultado para escolaridade mostrou-se fator determinante para a ocorrência de uma possível hipercorreção, tendo os menos escolarizados apresentado índices de desacordo maiores que os mais escolarizados.

- Como a escolaridade demonstrou ter grande influência na ocorrência do fenômeno, cruzamos essa variável com as outras variáveis sociais para ver se haveria alguma distinção, porém não encontramos nenhuma explicação diferente das que já havíamos encontrado.

-Na análise qualitativa encontramos evidências da produção de hipercorreção por parte de alguns falantes e também de desconhecimento das regras gramaticais por parte de outros.

Com base em nossos dados, percebemos que a hipercorreção no presente do subjuntivo parece ser uma realidade para alguns falantes dessa comunidade que tentam evitar a terminação *-emos* por ser estigmatizada quando utilizada no modo indicativo. Além disso, percebemos que o modo subjuntivo parece estar caindo em desuso nessa comunidade, o que confere com os resultados de algumas pesquisas citadas em nosso trabalho, pois mesmo em contextos políticos e religiosos que favorecem o uso dessa estrutura, tivemos alto índice de uso de formas do indicativo.

Como mencionamos durante o texto, temos a impressão de que esse fenômeno não ocorre em regiões que não tenham influência de idiomas como alemão e italiano. Porém, esta pesquisa apontou para a escolaridade como fator determinante de

ocorrência do fenômeno e não para o bilinguismo. Por isso, acreditamos que seria válido aplicar essa pesquisa em outras regiões a fins de comparação.

Além disso, acreditamos que, em uma próxima pesquisa, seria interessante criar um instrumento em que os falantes tivessem de reconhecer as formas e não produzi-las, pois muitos entrevistados afirmaram que ficaram confusos por causa das opções. Poderíamos também ampliar a parte qualitativa de nossa pesquisa, solicitando ao informante que fale mais acerca de suas escolhas para que tenhamos mais argumentos para falar sobre hipercorreção.

6 REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à linguística*. V.1. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

AZAMBUJA, Elizete B. *O funcionamento ideológico na produção da “hipercorreção”*. Campinas: UNICAMP – Tese de doutorado, 2012.

BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2012.

BARBOSA, Astrid F. *Comparação da alternância indicativo/subjuntivo*. Espírito Santo: UFES, 2011

BATTISTI, Elisa. *Ditongos nasais em sílaba átona e fidelidade posicional*. In: COLLISCHONN, G.; HORA, D. (orgs.) *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2003.

_____. *A redução dos ditongos nasais átonos*. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. Porto Alegre: PUCRS – Tese de Doutorado, 1997.

BUENO, F. da S. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

BOPP DA SILVA, Taís. *A redução da nasalidade em ditongos de sílaba átona em final de vocábulo entre falantes bilíngues e monolíngues do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS – Dissertação de Mestrado, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. (37ªed) Rio de Janeiro: Lucerna, 2000

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, Hebe M. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas*

- em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada no Cariri.* Fortaleza: UFC – Tese de doutorado, 2007.
- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística.* São Paulo: Cultrix, 1993.
- KHEDI, Valter. *A morfologia e a sintaxe portuguesas na obra de Mattoso Câmara Jr.* São Paulo: USP - Tese de livre docência, 1998.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns.* Philadelphia; University of Pennsylvania, 1972a.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors.* Oxford: Blackwell, 2001.
- LEMLE, Miriam; NARO, Antony J. *Competências básicas do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras da Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e Fundação Ford.* Rio de Janeiro, 1997
- MOLLICA, Maria. C. e BRAGA, Maria L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.* São Paulo: Contexto, 2003.
- MORENO, Cláudio. *O prazer das palavras.* Porto Alegre: Zero Hora, 2004.
- PIMPÃO, Tatiana S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática.* Florianópolis: Dissertação de Mestrado, UFSC, 1999.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal em português.* In: Giselle Machline de Oliveira e Silva; Maria Marta Pereira Scherre. (Org.). *Padrões sociolinguísticos – análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, v. , p. 239-264.
- VIEIRA, Marta M. M. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o Português do Brasil e o Francês do Canadá.* Natal: UFRN – Dissertação de Mestrado, 2007.

7 ANEXOS

ANEXO 1

IDADE: () até 30 anos () mais de 50 anos

SEXO: () masculino () feminino

ESCOLARIDADE: () ensino fundamental () ensino superior

1. Escolha a palavra que você julga mais adequada.

A: “No sermão de domingo, o padre disse que é preciso que **(amamos/amemos)** nossos inimigos mesmo que nós não **(ganhamos/ganhemos)** nada com isso. É importante que nós **(fazemos/façamos)** o bem até que nossas forças se **(esgotem/esgotam)**. Ele também aconselhou que **(dividimos/dividamos)** os nossos bens com o próximo para que Deus nos **(dá/dê)** em dobro. Além disso, ele disse que Deus sempre nos **(recebe/receba)** de volta quando nos **(arrependamos/arrependemos)** de coração, mesmo que até então não **(tenhamos/temos)** feito o que agrada a Deus.”

B: “Realmente, foram muito bonitas as palavras do padre. E é muito bom saber que ainda que nos **(perdemos/percamos)** pelo caminho, Deus nos recebe de volta.”

“O Mercosul é um compromisso dos países deste continente com o desenvolvimento, um desenvolvimento que nós queremos que **(é / seja)** aberto a todos, um desenvolvimento que **(leva / leve)** os nossos povos e os nossos países para a prosperidade. (...) Mesmo que **(consideremos / consideramos)** que não fizemos tudo o que se podia, o fato é que essas políticas **(levem / levam)** a uma maior aproximação entre nossas indústrias, com resultados positivos em várias áreas. (...) Devemos buscar a diminuir os impostos, o que vai permitir que nós **(criamos / criemos)** uma zona de livre comércio sul-americana. (...) O retorno do Paraguai ao Mercosul que **(celebremos / celebramos)** hoje demonstra muito claramente que um dos principais requisitos para que **(possamos / podemos)** avançar no campo da integração é poder contar com a estabilidade. (...) Nós **(contamos/ contemos)**, querida Cristina, com a sua sensibilidade política, a sua capacidade de liderança para que **(sigamos / seguimos)** no caminho do fortalecimento do Mercosul. Para isso, continue contando com o apoio e a parceria

constantes do Brasil.”

Adaptação do discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante
Sessão Plenária da 46ª Cúpula do Mercosul - Caracas/Venezuela:

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “O uso do presente do subjuntivo por falantes bilíngues de Português/ Alemão no Vale do Taquari/ RS”, sob a responsabilidade da pesquisadora Thiely Andressa Schwingel, a qual pretende descrever o uso do presente do subjuntivo por falantes bilíngues de Português/ Alemão no Vale do Taquari. Sua participação é voluntária e se dará por meio do preenchimento de um exercício escrito e leitura em voz alta do mesmo, que será gravada para fins de registro. A pesquisa não apresenta risco algum. Se você aceitar participar, estará contribuindo para o desenvolvimento de uma pesquisa sociolinguística e científica.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (51) 97336175, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS, na Av. Paulo Gama, 110 – sala 317 – Prédio Anexo 1 da Reitoria – Campus Centro – Porto Alegre/RS – CEP: 90040-060 Fone: 51 33083738 E-mail: ética@propesq.ufrgs.br

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/ ____/ ____

Assinatura do pesquisado

Assinatura do pesquisador

ANEXO 3

1. Mulher, fundamental, até 30, bilíngue

Entrevista 32

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja	X	É
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

2. Mulher, fundamental, 51 ou mais, bilíngue

Entrevista 1

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos	X	Fazemos
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrendemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos	X	Podemos
18	contamos	X	Contemos
19	sigamos	X	Seguimos

Entrevista 5

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	Amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrendemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Percamos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		

17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 21

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

3. Mulher, superior, até 30, bilíngue

Entrevista 6

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos

14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 7

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos	X	Fazemos
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

4. Mulher, superior, 51 ou mais, bilíngue

Entrevista 25

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem	X	Esgotam
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos		

11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 27

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

5. Mulher, fundamental, até 30, não bilíngue – Não encontrada

6. Mulher, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue

Entrevista 2

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos	X	Fazemos
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba

8	arrependemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos	X	Possamos
18	contamos		
19	sigamos	X	Sigamos

Entrevista 4

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem	X	Esgotam
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba
8	arrependemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos	X	Podemos
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

Entrevista 13

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe	X	Receba

8	arrependemos	X	Arrependamos
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve	X	Leva
13	consideremos		
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos	X	Celebremos
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

Entrevista 20

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos	X	Fazemos
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrependemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

7. Mulher, superior, até 30, não bilíngue

Entrevista 8

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos

2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Percamos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 9

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos	X	Sigamos

Entrevista 10

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos

2	ganhamos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 11

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhamos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 12

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

8. Mulher, superior, 51 ou mais, não bilíngue

Entrevista 16

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos	X	Arrepndamos
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		

17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 30

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

9. Homem, fundamental, até 30, bilíngue – NÃO ENCONTRADO

10. Homem, fundamental, 51 ou mais, bilíngue

Entrevista 3

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Percamos
11	seja		

12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 18

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrependermos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

11. Homem, superior, até 30, bilíngue

Entrevista 31

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe		
8	arrependermos		
9	tenhamos		

10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 33

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem	X	Esgotam
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê		
7	recebe	X	Receba
8	arrepentemos		
9	tenhamos		
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve	X	Leva
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos	X	Podemos
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

12. Homem, superior, 51 ou mais, bilíngue

Entrevista 17

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		

7	recebe		
8	arrependermos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 28

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrependermos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam	X	Levem
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

13. Homem, fundamental, até 30, não bilíngue

Entrevista 22

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	Amemos	X	Amamos
2	ganhemos	X	Ganhamos
3	Façamos		

4	Esgotem	X	Esgotam
5	dividamos	X	Dividimos
6	Dê		
7	Recebe		
8	arrepndemos		
9	Tenhamos	X	Temos
10	Percamos		
11	Seja		
12	Leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	Levam		
15	Criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	Possamos	X	Podemos
18	Contamos		
19	Sigamos	X	Seguimos

Entrevista 26

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	Amemos		
2	ganhamos	X	Ganhamos
3	Façamos		
4	Esgotem		
5	dividamos	X	Dividimos
6	Dê		
7	Recebe		
8	arrepndemos		
9	Tenhamos		
10	Percamos	X	Perdemos
11	Seja		
12	Leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	Levam		
15	Criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	Possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

14. Homem, fundamental, 51 ou mais, não bilíngue

Entrevista 14

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
--	----------------------	------------------	--------------------

1	amemos	X	Amamos
2	ganhamos	X	Ganhamos
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam	X	Levem
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 19

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos	X	Amamos
2	ganhamos	X	Ganhamos
3	façamos	X	Fazemos
4	esgotem	X	Esgotam
5	dividamos	X	Dividimos
6	dê	X	Dá
7	recebe	X	Receba
8	arrepndemos		
9	tenhamos	X	Temos
10	percamos	X	Perdemos
11	seja		
12	leve	X	Leva
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		
15	criemos	X	Criamos
16	celebramos		
17	possamos	X	Podemos
18	contamos		
19	sigamos	X	Seguimos

15. Homem, superior, até 30, não bilíngue

Entrevista 23

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrendemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 24

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrendemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam		
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		

18	contamos		
19	sigamos		

16. Homem, superior, 51 ou mais, não bilíngue

Entrevista 15

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos		
14	levam	X	Levem
15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		

Entrevista 29

	Forma correta	Desacordo	Forma usada
1	amemos		
2	ganhemos		
3	façamos		
4	esgotem		
5	dividamos		
6	dê		
7	recebe		
8	arrepndemos		
9	tenhamos		
10	percamos		
11	seja		
12	leve		
13	consideremos	X	Consideramos
14	levam		

15	criemos		
16	celebramos		
17	possamos		
18	contamos		
19	sigamos		